



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM LETRAS



ANE DANIELA MEDEIROS MORAIS

**A LUTA DAS “MULHERES DE CONFORTO” POR UMA REPARAÇÃO-
ANÁLISE DA GRAPHIC NOVEL *GRAMA*, DE KEUM SUK GENDRY-
KIM**

Campo Grande/MS

2024

ANE DANIELA MEDEIROS MORAIS

**A LUTA DAS “MULHERES DE CONFORTO” POR UMA REPARAÇÃO–
ANÁLISE DA GRAPHIC NOVEL *GRAMA*, DE KEUM SUK GENDRY-KIM**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de Concentração: Estudos Literários.

Linha de Pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural.

Orientador: Neurivaldo Campos Pedroso Junior.

Campo Grande/MS

2024

M8251 Morais, Ane Daniela Medeiros

A luta das “mulheres de conforto” por uma reparação: análise da graphic novel Grama, de Keum Suk Gendry-Kim / Ane Daniela Medeiros Morais – Campo Grande, MS: UEMS, 2024. 91 p.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Letras - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, 2024

Orientador: Prof. Dr. Neurivaldo Campos Pedroso Junior

1. Literatura coreana. 2. Gendry-Kim, Keum Suk (1971-). Grama (graphic novel). 3. Memória coletiva. 4. Memória cultural. 5. Identidade. 6. “Mulheres de conforto”. 7. Crimes de guerra. 8. Segunda Guerra Mundial (1939-1945). I. Pedroso Junior, Neurivaldo Campos. II. Título.

CDD 23 ed. 801.3

Ficha Catalográfica elaborada pela bibliotecária da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

Aline Perdomo Soutelo, inscrita sob o CRB n. 3668 - 1ª Região.

ANE DANIELA MEDEIROS MORAIS

**A LUTA DAS “MULHERES DE CONFORTO” POR UMA
REPARAÇÃO—ANÁLISE DA GRAPHIC NOVEL *GRAMA*, DE KEUM SUK
GENDRY-KIM**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de Concentração: Estudos Literários.

Linha de Pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Neurivaldo Campos Pedroso Junior
(Presidente)

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Prof. Dr. Luis Carlos Girão

Universidade de São Paulo/USP,
Departamento de Letras Orientais

Prof. Dr. Daniel Abraão

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Campo Grande/MS

2024

Em memória de minha querida avó, Vitória Benites, guardiã das nossas memórias e raízes, com gratidão por todo o amor que transcende gerações.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a dádiva da vida e por ter chegado até aqui.

Agradeço de forma especial ao Prof. Dr. Neurivaldo Campos Pedroso Júnior, que se tornou mais que um orientador. Sua amizade, sabedoria e paciência foram guias inestimáveis durante este percurso. Seu apoio constante, seja no campo acadêmico ou pessoal, foi fundamental para a realização deste trabalho, e sou imensamente grata por tê-lo ao meu lado como conselheiro e amigo.

Minha gratidão também se estende à minha família, minha fortaleza inabalável. Vocês foram, em todos os momentos, minha rede de apoio e sustentação. Cada palavra de incentivo, cada gesto de carinho, e cada demonstração de confiança em mim foram combustíveis essenciais para que eu pudesse seguir em frente, mesmo nos momentos mais desafiadores.

Às minhas irmãs de caminhada acadêmica, Jaqueline e Brenda, que trilharam ao meu lado com determinação e cumplicidade, minha eterna gratidão. Vocês foram mais que colegas de estudo, foram companheiras que compartilharam angústias, alegrias e vitórias, tornando esta jornada mais leve e significativa.

Ao Prof. Dr. Luís Girão, meu profundo agradecimento por todas as oportunidades concedidas, pelas portas abertas e pela confiança depositada em mim. Seu apoio foi mais que importante para a concretização deste trabalho e para o meu crescimento como pesquisadora e profissional.

Não poderia deixar de agradecer também ao *Podcast Sarangbang*, Denise e Bruna, muito obrigada por me proporcionarem o espaço e a oportunidade de dar voz à minha pesquisa, compartilhando minhas ideias e contribuindo para o enriquecimento do debate acadêmico.

Ao Dr. Carlos Freitas e à dedicada equipe do Hospital de Câncer Alfredo Abraão, meu mais sincero agradecimento pelo carinho, cuidado e dedicação durante os anos de acompanhamento. Vocês foram um exemplo de compaixão e profissionalismo, e as lembranças de toda gentileza me acompanharão para sempre.

Por fim, ao meu parceiro de vida, Iago, meu eterno agradecimento por estar ao meu lado, me erguendo sempre que pensei em desistir. Obrigada por escolher compartilhar a vida ao meu lado.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: O três Reinos e Gaya (uma pequena associação conhecida como Gaya, mas que logo foi absorvido por Silla) – Século V.	19
Figura 2: Unificação dos três reinos por Silla – Século VIII.	20
Figura 3: Mapa da Dinastia Goryeo.	21
Figura 4: Jikji (Goryeo, século XIV), o texto mais antigo impresso com tipo de metal móvel existente.	21
Figura 5: Mapa da península durante a Dinastia Joseon.	23
Figura 6: Cópia de parte do livro Hunminjeongeum Haerye (훈민정음 해례).	24
Figura 7: Mapa atual da Península Coreana, dividida entre Coreia do Norte e Coreia do Sul	29.
Figura 8: BRAND FINANCE.	34
Figura 9: Tradução em espanhol e inglês de 풀.	38
Figura 10: Nova edição de 풀 publicada na Coreia do Sul (à esquerda). Tradução brasileira de 풀 (à direita).	39
Figura 11: Tradução em francês (à esquerda) e norueguesa (à direita) de 풀.	39
Figura 12: Voltar para a casa. Fonte: Grama (GENDRY-KIM, 2020, p. 18-19).	40
Figura 13: Julho de 1937.	42
Figura 14: O rapto.	43
Figura 15: Era 1942. Eu tinha quinze anos.	44
Figura 16: Não vamos desistir.	45
Figura 17: Tratamento.	50
Figura 18: Ok-sun Lee, ao meio, em manifestação em frente a Embaixada do Japão, em Seul.	51

Figura 19: As vovós lutam por reparação	53
Figura 20: Foto de Keum Suk Gendry-Kim, à esquerda. Representação da artista, em Grama, à direita.	62
Figura 21: Como conheci a vovó.	64
Figura 22: Ok-sun Lee na Casa de Partilha.	64
Figura 23: Ok-sun Lee vai até Keum Suk Gendry-Kim.	64
Figura 24: Meninas não vão à escola.	66
Figura 25: Representação de uma árvore durante a infância.	67
Figura 26: Representação de um animal na visão da criança.	68
Figura 27: Vegetação na 'Casa da Partilha', Ok-sun Lee idosa.	68
Figura 28: Contexto Histórico.	69
Figura 29: Contexto Histórico.	70
Figura 30: Frio.	71
Figura 31: Saudade e lembrança.	71
Figura 32: Declara falecida.	73
Figura 33: Yoshiko.	74
Figura 34: Pisoteada.	75
Figura 35: Sombra.	76
Figura 36: Olhando de frente.	77
Figura 37: Infertilidade.	79
Figura 38: Gravidez Yuna.	79
Figura 39: Coreanos vítimas da bomba atômica.	80
Figura 40: Soldados soviéticos,	81
Figura 41: A luta de Ok-sun Lee	83

MORAIS, Ane Daniela Medeiros. **A luta das “mulheres de conforto” por uma reparação – Uma análise da Graphic Novel *Gramma*, de Keum Suk Gendry-Kim.** Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Letras. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, MS, Campo Grande, Brasil, 2024.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar a graphic novel *Gramma* (2020), da quadrinista e autora sul-coreana Keum Suk Gendry-Kim. A narrativa gráfica traz como tema principal a história real de Ok-sun Lee, uma mulher que relata sua vida desde a infância e suas dificuldades com a família, os horrores que viveu durante o período da Segunda Guerra Mundial sendo raptada e forçada a servir ao Exército Imperial Japonês como uma “mulher de conforto”, termo utilizado para denominar essas meninas e mulheres que foram violentadas diariamente pelos soldados. Gendry-Kim mostra aos leitores toda angústia que o silêncio e o relato de Ok-sun Lee gritam, trazendo traços fortes, que preenchem os vazios deixados nas palavras de dor e sofrimento. A análise desta obra de Literatura Coreana foi feita pelos estudos da memória coletiva, individual e cultural, construindo uma análise que respeite e compreenda a luta das “mulheres de conforto” por uma reparação por parte do governo japonês e uma atitude a favor da luta dessas mulheres pelo governo coreano, já que a violência e a frivolidade de como são tratadas essas senhoras são duplamente cometidas. Utilizamos Halbwachs (1990), Benjamin (1994) Seligmann-Silva (2006) e Berned (2018) para sustentar e basear a investigação sobre a memória individual, coletiva e cultural, e entender que todas as experiências vividas e as memórias partilhadas pelas “mulheres de conforto” são partes de um prisma que incorpora elementos da esfera do sensível e do simbólico e que essas memórias foram trazidas à público para uma tentativa de reparação dos crimes de guerra cometidos contra elas durante o período da Segunda Guerra Mundial. É importante ressaltar que durante a análise da narrativa e da arte sequencial utilizaremos os estudiosos Will Eisner (2005), Scott McCloud (1995) como base para a nossa pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Coreana, “Mulheres de Conforto”, Memória, Identidade, Gramma.

ABSTRACT

MORAIS, Ane Daniela Medeiros. **The fighting of 'comfort women' for redress - An analysis of the graphic novel Grass, by Keum Suk Gendry-Kim.** Master's thesis. Postgraduate Programme in Literature. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, MS, Campo Grande, Brazil, 2024.

This work aims to analyse the graphic novel Grama (2020) by South Korean comic artist and author Keum Suk Gendry-Kim. The main theme of the graphic novel is the true story of Ok-sun Lee, a woman who recounts her life since childhood and her difficulties with her family, the horrors she experienced during the Second World War, being kidnapped and forced to serve the Imperial Japanese Army as a 'comfort woman', a term used to describe the girls and women who were raped daily by the soldiers. Gendry-Kim shows readers all the anguish that Ok-sun Lee's silence and story scream, bringing strong lines that fill the voids left by the words of pain and suffering. The analysis of this work of Korean literature was based on studies of collective, individual and cultural memory, building an analysis that respects and understands the struggle of the 'comfort women' for reparation from the Japanese government and an attitude in favour of the struggle of these women by the Korean government, since the violence and frivolity of how these ladies are treated is doubly committed. We used Halbwachs (1990), Benjamin (1994) Seligmann-Silva (2006) and Berned (2018) to support and base our investigation into individual, collective and cultural memory, and to understand that all the lived experiences and memories shared by the 'comfort women' are part of a prism that incorporates elements from the sensitive and symbolic spheres, and that these memories were brought to light in an attempt to make reparations for the war crimes committed against them during the Second World War. It is important to emphasise that during the analysis of narrative and sequential art we will use the scholars Will Eisner (2005), Scott McCloud (1995) as the basis for our research.

KEYWORDS: Korean Literature, 'Comfort Women', Memory, Identity, Grass.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I – RESGATE DE MEMÓRIAS: A ONDA COREANA – CULTURA E IDENTIDADE DE UM POVO	18
1.1. Ocupação Japonesa.	24
1.2. Guerra ente Irmãs – A separação	28
1.3. Ditadura e Recuperação da Democracia	30
1.4. <i>Hallyu Wave</i> : aspectos da identidade e cultura da Coreia do Sul	32
1.4.1. Literatura Coreana	35
1.4.2. Novela Gráfica – <i>Grama</i>	38
CAPÍTULO II – NARRATIVAS ALÉM DO SILÊNCIO: MEMÓRIA E RESISTÊNCIA FEMININA	46
2.1. O silenciamento das “mulheres de conforto” durante e no pós-guerra	47
2.2. Memórias silenciadas, reconstruindo narrativas	52
2.3 Contextualizando a Memória Individual, Coletiva e Cultural	54
2.3.1. Memórias que ecoam: aprendendo uma história coletiva a partir dos percursos individuais	56
CAPÍTULO III - ANÁLISE DE GRAMA: A VEGETAÇÃO COMO REFLEXO DE EXPERIÊNCIAS VIVIDAS	61
3.1. Keum Suk Gendry-Kim, autora e personagem de <i>Grama</i>	61
3.2. A menina que nunca foi para a escola	65
3.3. A menina roubada	72
3.4. A mulher abandonada	80
3.5. A vovó em busca de reparação	82
CONSIDERAÇÕES FINAIS	84
REFERÊNCIAS	86

Mas quando o inverno passar e a primavera chegar na minha estrela

Crescerá um mato farto e orgulhoso

Sobre a colina onde se enterram as letras do meu nome

Como cresce grama sobre túmulos.

Yun Dong-Ju (5 de novembro de 1941)

INTRODUÇÃO

As graphic novels, ou romances gráficos, têm ganhado destaque no cenário literário e cultural contemporâneo, representando uma evolução significativa na forma de narração visual. Um dos grandes responsáveis por popularizar esse tipo de narrativa foi o lançamento de *Maus* (1980), de Art Spiegelman, especialmente após ganhar um prêmio *Pulitzer* especial em 1992. Esse título acabou se tornando uma referência para outros artistas do mesmo estilo. Para conseguirmos entender melhor o que são as graphics novels é importante compreender que estamos vivenciando um momento significativo no campo literário das histórias em quadrinhos (HQs), uma vez que essa literatura por muito tempo foi tratada como inferior, “literatura de criança”, “literatura das massas”, sendo totalmente marginalizada pela hegemonia.

Uma graphic novel é uma forma de narrativa visual que combina elementos textuais e gráficos para contar uma história completa. Ao contrário das histórias em quadrinhos tradicionais, que frequentemente são publicadas em séries contínuas ou periódicas, as graphic novels geralmente são publicadas como volumes únicos ou em séries limitadas. Elas podem abranger uma ampla gama de gêneros, incluindo ficção, não-ficção, biografia, fantasia e até mesmo ensaios visuais.

Embora muito se assemelhem às histórias em quadrinhos, por também utilizarem a arte sequencial, as graphics novels se diferenciam das HQs principalmente pelo seu formato e estrutura; as histórias em quadrinhos geralmente são publicadas em edições periódicas (semanal, mensal) e tendem a ter arcos de história que podem se estender por várias edições, enquanto as graphic novels são publicadas como volumes únicos ou séries limitadas, proporcionando uma narrativa mais coesa e completa; as graphic novels abordam temas mais substanciais, emocionais e complexos com intensidade psicológica e social.

Dentro deste segmento que apresentamos, temos *Grana* (2020), a narrativa gráfica de Keum Suk Gendry-Kim, que foi publicada pela primeira vez em 2017 na Coreia do Sul, e que chegou ao Brasil três anos depois, publicada pela editora Pipoca e Nanquim, com tradução de Jae HW. A graphic novel já foi publicada em diversos idiomas e coleciona prêmios pelo mundo, entre eles, o Prêmio Especial Bulles d’Humanité, do tradicional diário francês L’Humanité; entrou para as listas de melhores histórias em quadrinhos de 2019 dos jornais The New York Times e The Guardian; venceu os prêmios

The Cartoonist Studio Prize, Big Other Book Award e VLA Graphic Novel Diversity Award; e em 2020, foi indicada em três categorias do célebre Prêmio Eisner, como Melhor escritor/artista, Melhor trabalho baseado em fatos e Melhor edição americana de material asiático.

A narrativa começa com uma nota extremamente relevante sobre o termo “mulheres de conforto”, amplamente utilizado para se referir às mulheres que foram raptadas, exploradas, violentadas e subjugadas pelo Exército Imperial Japonês durante a ocupação colonial no território coreano (1910-1945). O termo “mulheres de conforto”, na verdade, constitui um eufemismo para a situação de prostituição a que essas mulheres foram submetidas. A nota em questão enfatiza que tal terminologia reflete apenas a perspectiva de um dos lados da narrativa histórica, a do lado do opressor. Somente após essa explicação preliminar, a narrativa se desenvolve, conduzindo-nos à história de nossa protagonista, Ok-sun Lee. Em um primeiro momento, nosso contato é com ela na terceira idade, vivendo com filhos e netos em Longjing, no sudeste da China.

No decorrer da história, a protagonista vai relatando à nossa narradora, que participa como uma das personagens também, toda sua história de vida, Keum Suk Gendry-Kim conheceu Ok-sun Lee e demonstrou interesse em falar sobre a luta das mulheres de conforto, e por isso decidiu escrever sobre a história real de uma dessas mulheres.

Gramma (2020) é mais um dos produtos propagados pela *Hallyu Wave*, a famosa Onda Coreana, que cresce cada vez mais. Durante o Capítulo 1, intitulado “Resgate de Memórias: A Onda Coreana – Cultura e Identidade de um povo”, iremos abordar uma breve passagem pela história do território coreano e como a ocupação japonesa chegou e conquistou à localidade, baseadas em informações retiradas do próprio site Korean Cultural Center, trouxemos esse panorama geral para depois passarmos para a nos atentar a Onda Coreana.

A *Hallyu Wave*, ou simplesmente *Hallyu*, é um fenômeno cultural que se refere à crescente popularidade mundial da cultura sul-coreana, incluindo música, cinema, televisão, moda, culinária, literatura e outras expressões culturais. O termo “*hallyu*” (한류) é de origem chinesa e significa “onda coreana”. Este fenômeno começou a ganhar destaque na década de 1990 e tem se intensificado ao longo dos anos, desempenhando um papel significativo na disseminação da cultura sul-coreana pelo mundo. Todo esse

movimento que observamos de alguns anos para cá, envolvendo a grande propagação da cultura da Coreia do Sul, não é um mero acaso ou sorte. O conceito de *soft power*, inicialmente desenvolvido pelo cientista político Joseph Nye em seu trabalho seminal *Bound to Lead: The Changing Nature of American Power* (1990), e posteriormente em *Soft Power: The Means to Success in World Politics* (2004), também de Nye, é definido como a habilidade de um país para influenciar outros por meio da atração e persuasão, ao invés de coerção ou pagamento. Diferentemente do *hard power*, que se baseia em força militar e econômica, o *soft power* envolve a capacidade de moldar as preferências de outros países através de recursos como a cultura, valores políticos e políticas externas atraentes de um país. Segundo Nye (2004), esses elementos, quando percebidos como legítimos e atraentes, permitem que uma nação exerça influência global de maneira mais sutil e eficaz.

O impacto da estratégia de *soft power* da Coreia do Sul tem sido tão significativo que passou a aumentar a visibilidade e a popularidade da cultura sul-coreana, e isso acaba contribuído para o crescimento do turismo, impulsionado exportações de produtos culturais e melhorado a imagem internacional do país. Segundo Kim e Nam (2016), a exposição à cultura sul-coreana pode levar a atitudes mais favoráveis em relação ao país e aumentar o interesse pela língua e pela história coreana.

Dado as apresentações no capítulo I, começamos o Capítulo II de nosso trabalho nos aprofundando ainda mais na luta das “mulheres de conforto” pela sua reparação história, do silenciamento que elas sofrem e o preconceito que muitas enfrentaram, durante e no pós-guerra.

Diante disso, perguntamo-nos: como é feito o resgate dessas narrativas marginalizadas por meio da recuperação da memória das “mulheres de conforto”? Partindo desse questionamento, este trabalho se propõe a analisar Grama (2020), obra que retrata a história de vida de uma dessas mulheres, por meio dos estudos de memória. Tomaremos então como base teórica os escritos de nomes como Halbwachs (1990), Benjamin (1994) e Berned (2018) para sustentar nossa teoria da memória individual e coletiva, assim como uma memória cultural que abrange os aspectos simbólicos e sensíveis ao estudo e como a memória das mulheres por muitas vezes é deixada à margem.

Maurice Halbwachs foi um dos pioneiros no estudo da memória coletiva, diferenciando-a da memória individual. Segundo Halbwachs (190), a memória individual

está sempre inserida em um contexto social, pois é por meio do contato com outros que lembramos de eventos e experiências. A memória coletiva, por sua vez, é compartilhada por um grupo e moldada pelas interações sociais e culturais. Halbwachs (1990) argumenta que as memórias são estruturadas socialmente, e isso pode ser visto em tradições, rituais e comemorações que reforçam a identidade coletiva de um grupo.

Enquanto isso, a partir da professora Zilá Bernd (2018), compreendemos noções sobre como a memória é um processo dinâmico e socialmente construído, profundamente interligado com a identidade. Ela argumenta que as memórias não são apenas registros passivos de eventos passados, mas sim narrativas ativamente construídas que moldam a percepção que os indivíduos e grupos têm de si mesmos e do mundo ao seu redor. A memória, assim, não é apenas um depósito de fatos, mas uma construção narrativa que influencia e é influenciada pelas identidades sociais e individuais. Vemos como proficuo observar, em um contexto de literatura coreana, de que maneira essas identidades estão sendo moldadas e moduladas com ou sem a memória das “mulheres de conforto”.

Por fim, ainda em nosso segundo capítulo, buscamos teorizar os estudos de memória e apontar como *Grama* (2020) é uma narrativa gráfica que aborda aspectos culturais e de identidade de um povo, mas que tem como principal objetivo trazer a atenção para a história de mulheres como Ok-sun Lee, figura representativa de uma memória que por muitos anos não fez parte da hegemonia coreana e fez parte da construção de identidade que esse povo buscou e busca expandir e exportar cada vez mais. Assim, ao relacionar a memória ao pertencimento e à construção identitária, não carecemos de deixar de lado a memória das mulheres que sempre são predestinadas a ocuparem lugares escolhidos e selecionados pelos homens, excluídas das discussões e do meio político social, cabendo a elas apenas os assuntos relacionados à família e à criação dos filhos.

A memória feminina, que foi proibida, clandestina ou ignorada durante a períodos de conflito, procura hoje conquistar o espaço público com suas reivindicações e, cada vez mais, assume a disputa com outros discursos que, até então, trataram de desqualificá-la – materializando aquilo que Walter Benjamin (1981) cunhou como “escovar a história a contra pelo.”.

No capítulo III, aprofundamos a análise obra, apontando características que buscam enriquecer a nossa interpretação de grama. Utilizando teóricos como Bernd (1989)

e Will Eisner (2005), começamos explicando a importância a autora tem na obra ao atuar também como personagem, a análise do quadrinho *Grana* (2020), de Keum Suk Gendry-Kim, foca na representação do testemunho de Ok-sun Lee e na maneira como a autora utiliza a vegetação para simbolizar aspectos da narrativa. O primeiro capítulo abordou as premiações da obra, suas traduções e um panorama geral, não sendo este o foco atual. O presente capítulo visa aprofundar a discussão sobre a representação de Ok-sun Lee e o uso da vegetação na obra. A análise é conduzida com um enfoque no respeito pela história das "mulheres de conforto" e na importância da representação dessas mulheres na literatura gráfica. A vegetação, enquanto elemento simbólico, é examinada quanto ao seu comportamento ao longo da narrativa e sua função como metáfora da resiliência e perseverança.

Keum Suk Gendry-Kim, além de autora, é também uma personagem dentro da obra, revelando a complexidade da narrativa ao inserir suas próprias experiências e reflexões. Esta abordagem é comparada à teoria de Doutra Zilá Bernd, que discute a importância da voz do autor na construção da identidade comunitária. Bernd argumenta que a presença do autor na obra não se limita a uma representação pessoal, mas amplia-se para um ato de reapropriação de um espaço existencial coletivo. Assim, a obra *Grana* não apenas narra a história de Ok-sun Lee, mas também reflete um processo de tomada de consciência e reapropriação histórica.

Em consonância com as ideias de Maurice Halbwachs sobre memória autobiográfica e histórica, a inserção da autora na narrativa de *Grana* contribui para uma compreensão mais profunda da memória coletiva. Halbwachs destaca que a memória individual está interligada à memória histórica, proporcionando uma visão mais rica e contínua do passado. A contribuição de Gendry-Kim para essa narrativa não é um simples enaltecimento pessoal, mas um esforço para recuperar e reconfigurar a memória coletiva das "mulheres de conforto", em um contexto de manipulação da memória histórica descrito por Jacques Le Goff. Le Goff enfatiza como a dominação da memória e do esquecimento reflete o controle das classes dominantes sobre a narrativa histórica.

A análise do contexto histórico e social das mulheres de conforto revela a gravidade do revisionismo e da negligência institucional. Após a Segunda Guerra Mundial, as mulheres de conforto enfrentaram marginalização severa e uma cultura patriarcal que culpabilizava as vítimas. O Japão e a Coreia do Sul, em suas respectivas posturas, não priorizaram adequadamente o reconhecimento e a reparação dessas

mulheres. O revisionismo histórico, por sua vez, minimizou o sofrimento das vítimas e distorceu a narrativa em prol de uma visão nacionalista. Ok-sun Lee, assim como a grama que ressurgiu após o inverno, representa a resistência e a luta contínua por justiça e dignidade, simbolizando a persistência das mulheres de conforto em buscar reconhecimento e reparação para suas experiências traumáticas. A trajetória de Lee e sua luta por justiça são um testemunho da força e resiliência diante de um passado marcado por abusos e negligência.

Capítulo I

RESGATE DE MEMÓRIAS:

A ONDA COREANA – CULTURA E IDENTIDADE DE UM POVO

“Depois que esse frio cruel passar, sem dúvida vai chegar... Uma carta do sol, avisando sobre a chegada da primavera. No fim do longo inverno os galhos frágeis tremem. Novas vidas lutam para brotar de dentro para fora.” – (Keum Suk Grandry-Kim, 2020)

Marcada por invasões, conflitos, intervenções e guerras, que perduram até os dias atuais, a Coreia do Sul é um país localizado em uma península do continente asiático que vem fazendo um trabalho árduo de divulgação de sua cultura, história e idioma. Trata-se de um investimento que foi realizado em um cenário pós separação das Coreias, em que parte do sul cria um fenômeno transcultural chamado *Hallyu Wave* – ou, em português, Onda Coreana.

É interessante acompanhar de perto o percurso que a cultura sul-coreana vem traçando ao longo dos anos no Brasil e no mundo. Esse fenômeno tem ditado o que as pessoas da Coreia veem, ouvem, leem e consomem num geral (JOO, 2011). A propaganda realizada pela Coreia do Sul para promover seus aspectos culturais ganhou forma e incentivo nos últimos 20 anos. Após a crise financeira de 1997, o país acaba sofrendo mudanças culturais por meio da globalização acelerada, da reforma neoliberal e pela rápida penetração da tecnologia digital no cotidiano do povo coreano (YANG, 2007).

Ao analisarmos esse resgate de memórias do povo coreano e entrarmos de uma maneira resumida em sua história, procurando entender o caminho que a globalização rápida determinou em sentido cultural no país, que em muito se diferencia dos aspectos econômicos e políticos, mas que acabam se relacionando, formando um prisma que contribuiu para o avanço da Coreia do Sul, principalmente com a exportação de suas produções artísticas. Considerar um breve resumo do que era o país desde seu início é fundamental para analisarmos o fenômeno da Onda Coreana, já que, por conseguinte, os habitantes da península coreana acreditam, então, que sua ascendência teve início por volta de 2.333, com a estabelecimento do reino Gojoseon, que envolveu a unificação de várias tribos distintas (KOREAN CULTURAL CENTER, 2024). Essa nação foi

estabelecida por Dangun Wanggeom, o pioneiro monarca coreano. No entanto, cerca de 108, a dinastia Han da China conquistou o que antes era o Reino Gojoseon, transformando-o em pequenos territórios.

Por volta do século I, teve início o período reconhecido como os “Três Reinos”, que compreendia três grandes estados. Eles eram identificados como Goguryeo, Baekje e Silla. O domínio Goguryeo era altamente militarizado e localizava-se mais ao norte, abrangendo uma vasta extensão territorial que compreendia o que atualmente conhecemos como China e Rússia. Na porção meridional, situavam-se Baekje (oeste) e Silla (leste). Dentre os três reinos, o mais forte é Goguryeo, devido ao seu investimento militar, fazendo com que Silla aliasse forças ao reino Tanga (chinês) e, assim, derrotasse e conquistasse o território dos outros dois reinos – o que, conseqüentemente, unificou o território da península.

The Three Kingdoms and Gaya (5th Century CE)



Figura 42: O três Reinos e Gaya (uma pequena associação conhecida como Gaya, mas que logo foi absorvido por Silla) – Século V. Fonte: Korean Cultural Center. 재외한국문화원¹

¹ Disponível em: Korean Cultural Center. 재외한국문화원. Acesso: 07 de julho de 2023 <https://brazil.korean-culture.org/pt/169/korea/63>

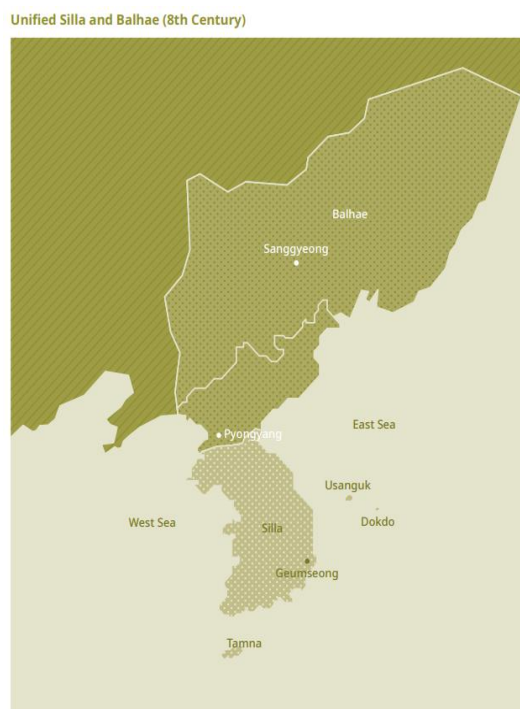


Figura 43: Unificação dos três reinos por Silla – Século VIII. Fonte: Korean Cultural Center.
재외한국문화원

Após a Era de Ouro de Silla, o reino passou a ter muitos conflitos internos pela Nobreza, no século VIII. Por volta do século V, acaba acontecendo o “retorno” dos outros dois reinos que existiam antes da unificação. Para estabelecer liderança, houve uma disputa entre os líderes Gyeon Hwon (Baekje) e Wang Geon (Goryeo). Em 936, mais tarde, Baekje caiu para Goryeo. Assim, Wang Geon unificou os Últimos Três Reinos na Península Coreana.

Agora na Dinastia Goryeo, o investimento educacional era notório, com a fundação da primeira Universidade (Gukjagam) e de escola particulares. Organizaram leis e sistemas de administração pública, consolidaram o budismo e investiram na impressão de livros. A prosperidade de Goryeo perdurou por algum tempo, até enfrentarem, no ano de 1231, a incursão dos mongóis em seu território. Esse território fora invadido por diversas vezes e, sendo um reino de força notável, fez com que eles pudessem resistir às investidas mongóis por um período de 42 anos. Entretanto, ao final desse período, tal reino acabou – por volta de 1270. (KOREAN CURURAL CENTER, 2024)



Figura 44: Mapa da Dinastia Goryeo. Fonte: (KOREAN CUTURAL CENTER, 2024)

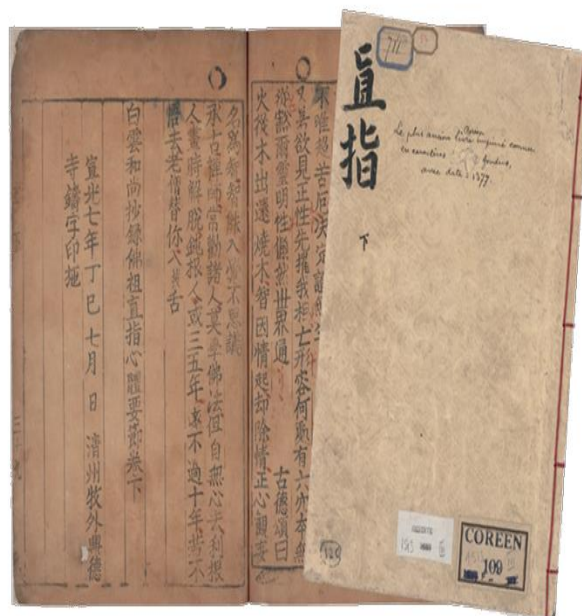


Figura 45: Jikji (Goryeo, século XIV), o texto mais antigo impresso com tipo de metal móvel existente. Fonte: (KOREAN CUTURAL CENTER, 2024)

No desfecho do século XIV, Goryeo experimentou uma situação complexa devido a desafios, tanto internos quanto externos, que iam de conflitos pelo controle entre a elite a incursões perpetradas por facções e piratas. Nesse período, o comandante Yi Seong-gye conquistara grande notoriedade junto à população devido à sua contribuição

em repelir invasores estrangeiros. Ele depôs a Dinastia Goryeo, estabelecendo assim uma nova dinastia, denominada Joseon.

O rei Sejong, quarto rei e filho do rei Taejong, inaugurou uma era de grande prosperidade política, social e cultural. Dentre esses feitos, um dos mais incontestáveis, foi a criação do *Hangul* (한글), o sistema de escrita da língua coreana, criado 1443 e oficialmente estabelecido em 1446, cujo objetivo era o abandono da utilização de ideogramas chineses tradicionais, que foram operados como esquema de escritas por muitos séculos pelos coreanos.

Sendo de origem estrangeira, os caracteres chineses não são capazes de assimilar os significados unicamente coreanos. Por conta disso, muitas pessoas comuns não têm forma de exprimir os seus pensamentos e sentimentos. Com o meu olhar para com as suas dificuldades, inventei um conjunto de 28 letras. As letras são muito fáceis de aprender, e espero sinceramente que elas melhorem a qualidade de vida de todas as pessoas. (MINISTÉRIO DA CULTURA, ESPORTE E TURISMO, 2008, p. 37, tradução nossa)²

Durante a Dinastia Joseon, as relações comerciais e econômicas começaram a se expandir e se consolidar – dentre estas, a relação com o Japão, que se manteve boa durante os séculos XIV e XV.

Então, chegamos a um dos primeiros grandes conflitos em que os povos, hoje denominados, coreanos e japoneses. Durante o século XVI, após uma discordância entre negociações comerciais, os japoneses passaram a invadir o território da península coreana. Até que, no ano de 1592, o Japão invade Joseon com aproximadamente 200.000 soldados, com a finalidade de dispersar o poder dos líderes regionais e consolidar o controle do governo japonês.

O conflito se estendeu por um período de seis anos, até 1598, sendo denominado como as invasões japonesas da Coreia de 1592-1598, ou Guerra Imjin. Entretanto, mesmo diante de grandes conflitos, ao final da Dinastia Joseon, o desenvolvimento cultural, comercial e industrial ficou cada vez mais significativo. Com a criação do *Hangul*³ foi

2 No original: “Being of foreign origin, Chinese characters are incapable of capturing uniquely Korean meanings. Therefore, many common people have no way to express their thoughts and feelings. Out of my sympathy for their difficulties, I have invented a set of 28 letters. The letters are very easy to learn, and it is my fervent hope that they improve the quality of life of all people.”

³ Importante lembrar da grande influência que o mandarim tem no idioma coreano, já que, por séculos, os ideogramas chineses foram utilizados para a escrita dos coreanos antes do Hangul ser criado. Portanto, muitas palavras em coreano e mandarim possuem o mesmo significado

possível que obras literárias se tornassem amplamente distribuídas. O entretenimento cultural, como danças tradicionais, por exemplo, foi mais propagado entre o povo. (KOREAN CURURAL CENTER, 2024)



Figura 46: Mapa da península durante a Dinastia Joseon. Fonte: (KOREAN CUTURAL CENTER, 2024)

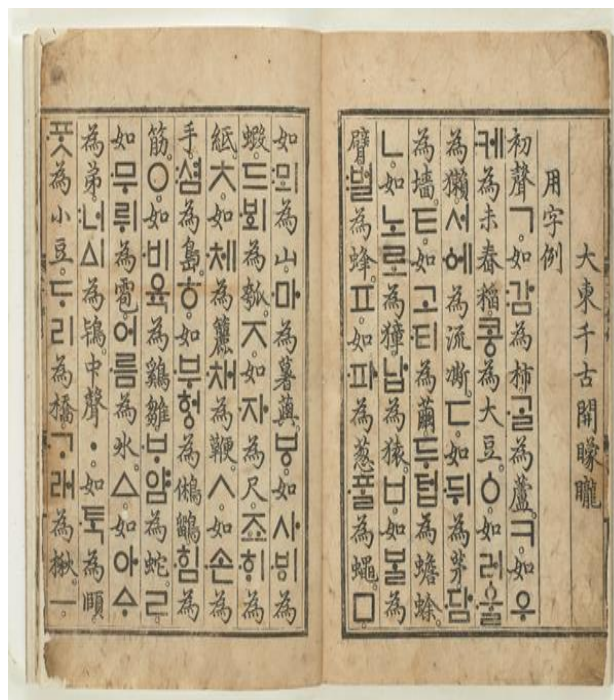


Figura 47: Cópia de parte do livro *Hunminjeongeum Haerye* (훈민정음 해례), a primeira publicação apresentando o Hangul, criado por jovens acadêmicos ao lado de Rei Sejong em 1446. Fonte: (KOREAN CULTURAL CENTER, 2024)

1.1 OCUPAÇÃO JAPONESA

Durante o século XIX tendo como contexto histórico o início da Revolução Industrial e o grande avanço do capitalismo na Europa, que acabaram forçando a abertura das portas de China e Japão; com a pressão e constantes invasões, tornou-se impossível para a Coreia se manter apenas com seus recursos e, conseqüentemente, ao término do processo, a Dinastia Joseon se viu compelida a ratificar o Acordo Coreano-japonês, notavelmente assimétrico e unilateral, também conhecido como Tratado de Ganghwa com o Japão em 1876, sob a iminência de ameaça militar por parte dos japoneses. Em 1897, Joseon muda seu nome para Império Coreano, reformando, assim, diversos setores da sociedade coreana em decorrência da grande influência de governos imperialistas como Japão, Rússia e Estados Unidos. Esses países viram uma oportunidade de conquistar a Coreia com propósitos expansionistas e exploratórios, tudo devido à sua localização geográfica favorável.

A partir do Tratado de Eulsa, promulgado em 1905, a Coreia foi submetida ao status de protetorado sob a jurisdição japonesa, culminando na oficialização da anexação da península em 1910 mediante o Tratado Japão-Coreia – embora a assinatura do então

imperador coreano, Gojong, não tenha sido obtida. Durante esse período, uma série de políticas governamentais japonesas foi implementada com o intuito de, gradualmente, suprimir a identidade cultural coreana, ao passo que se promovia a assimilação dos costumes, idioma e tradições japonesas entre os habitantes da península.

Durante 35 anos, o imperialismo japonês atuou de maneira pungente na Coreia, agora colônia do Japão. Atos bárbaros de exploração de recursos naturais e humanos, proibição da efetivação da cultura coreana, não podendo falar o idioma nacional e *impondo o idioma japonês* em escolas, além do confisco de coleções privadas do gênero musical desenvolvido na Coreia, marginalizando, assim, a cultura e história do país. Paralelamente, o Japão realizou significativos investimentos na infraestrutura nacional, implementando linhas ferroviárias e a adoção da eletricidade, além de promover avanços na comunicação ao introduzir o rádio e expandir a rede telefônica. No entanto, as tradições e a cultura do povo coreano começaram a ser restringidas, resultando na destruição de vários locais históricos e emblemáticos para os coreanos, a exemplo do palácio Gyeongbok. Durante esse período, a moeda nacional foi substituída pela moeda japonesa, *a população coreana foi compelida a utilizar o idioma japonês* e a modificar seus nomes para nomes de origem japonesa.

A face do imperialismo cultural japonês foi mostrada através do uso do seu poder como metrópole sobre a colônia e da imposição da sua “superioridade” cultural sobre a sociedade colona. Além disso, durante esse período, centenas de milhares de mulheres foram coagidas a serem escravas sexuais do exército japonês alocado em solo coreano, e os homens foram obrigados ao trabalho forçado ou enviados involuntariamente para o Japão como escravos, além da exploração intensiva dos recursos naturais da colônia em favor do enriquecimento da metrópole. (MAZUR, 2018, p. 12)

As “mulheres de conforto”, durante o período da Segunda Guerra Mundial, representam uma das páginas mais sombrias da história da Coreia contemporânea, uma história de exploração sexual e abuso de direitos humanos que permanece profundamente dolorosa e controversa até os dias de hoje.

A expressão “mulheres de conforto” é um eufemismo para descrever as vítimas que eram obrigadas a se prostituir para atender às necessidades das forças militares japonesas durante a Segunda Guerra Mundial. Muitas dessas mulheres foram enganadas, sequestradas ou recrutadas à força. Suas histórias são marcadas por sofrimento, violência e abusos inimagináveis, com promessas de empregos bem remunerados, sendo até mesmo sequestradas de suas casas e comunidades. Nos testemunhos de sobreviventes, como, por

exemplo, o de Kim Bok Dong⁴, é possível vermos o uso da violência, sequestro, coação, propagação de propagandas enganosas, todos meios de convencimento comuns entre as estratégias do exército.

Um dia, o sujeito que usava um terno amarelo chegou com alguns policiais. Eles disseram: “A garota virá conosco para trabalhar como ‘Tenshitai’ no exército.” Minha mãe perguntou o que era “Tenshitai” e ele disse que era uma fábrica de uniformes militares e que, se eu fosse suficientemente velha e me casasse, seria enviada para casa. Após a conversa, meus pais não puderam negar isso, pois nos disseram que não haveria distribuição de rações para minha família. Então, fui para o porto de Busan, no segundo cais, e quando cheguei, havia outras 20 mulheres e todas pensavam que iriam trabalhar em uma fábrica. – Kim Bok Dong (HYANG, 2016, p. 36, tradução nossa)⁵

Assim como no exemplo de Ok-sun Lee, que relata sua vivência para a autora Keum Suk Grendry-Kim e está registra a história daquela na graphic novel *Grana* (2020).

Era 1942. Eu tinha 15 anos... Os homens me colocaram num caminhão. Quatro garotas da minha idade já estavam na garupa... Entramos numa casa que me fez lembrar uma prisão, ela só tinha um pequeno portão de ferro que servia de entrada e saída... Só depois eu descobri que aquela era uma casa de conforto, cada quarto era usado por duas ou três mulheres. – Ok-sun Lee (KIM, 2020, p. 167 - 173)

As “mulheres de conforto” eram mantidas em bordéis militares, onde sofriam abusos físicos e emocionais constantes. A falta de higiene e cuidados médicos adequados muitas vezes resultava em doenças graves e mortes prematuras. Elas viviam com o estigma social, a vergonha e o trauma do que haviam experimentado, muitas vezes, sem apoio ou recursos para buscar justiça.

Em 1993, o governo japonês emitiu uma declaração oficial, confirmando seu envolvimento nas atividades das “mulheres de conforto” e pedindo desculpas. No entanto, muitos sobreviventes e ativistas argumentam que essas desculpas não foram suficientes e que o Japão precisa fazer mais para enfrentar o seu passado e fornecer suprimentos adequados às vítimas sobreviventes.

⁴ Artigo: “Pre- and Post-War Life History of Sex Slave Victims by Imperial Japanese Army” (2014), de Ahn, Shinkwon; Lee, Yunho; e Park, Kyungil no jornal periódico *Life Science Journal*, v. 11, n. 7.

⁵ No original: “One day the guy who wore a yellow suit came with some policemen. They said “The girl will come with us to work as “Tenshitai” to the army”. My mother asked what “Tenshitai” was and he said that it was a factory for suits for the military uniforms and that if I was old enough and got married I would be sent home. After the conversation my parents could not deny this as they told us that there would not be ration distribution for my family. So I went to Busan harbor in the second dock and when I arrived there were 20 other women and everyone thought they were going to work in a factor. – Kim Bok Dong.”

A história das “mulheres de conforto” é um lembrete trágico da capacidade da humanidade de infligir sofrimento a outros em tempos de guerra e conflito. É importante que essas histórias não sejam esquecidas e que as vítimas sejam reconhecidas, ouvidas e reforçadas em sua busca por justiça e reparação.

Após o término da Segunda Guerra Mundial, a questão das mulheres de conforto foi em grande parte ignorada ou deliberadamente silenciada, muito por conta da influência política e militar dos Estados Unidos na ocupação do Japão. A estrutura internacional do pós-Segunda Guerra Mundial foi fortemente moldada pela política de contenção ao comunismo promovida pelos Estados Unidos, especialmente no contexto da Guerra Fria. Com o objetivo de limitar a expansão da influência soviética e do comunismo global, os EUA implementaram estratégias que consolidaram sua presença em regiões estratégicas, como o Japão. Derrotado e devastado após os ataques atômicos, o Japão acabou por aceitar a presença militar e a assistência econômica americana, o que resultou na perda parcial de sua soberania.

Essa relação foi formalizada com o *Pacto de Assistência e Segurança EUA-Japão*, assinado em 1951, que permitiu a instalação de bases militares americanas em território japonês e proibiu o Japão de manter forças armadas regulares. Esse acordo não só assegurou o alinhamento do Japão à esfera de influência ocidental, mas também foi um elemento-chave da estratégia americana de contenção do comunismo na Ásia, especialmente frente à expansão da influência soviética e chinesa na região. (ARASE; AKAHA, 2010, p. 36)

O silêncio em torno dessas vítimas fazia parte de um acordo tácito que visava proteger os interesses diplomáticos entre o Ocidente e o Japão no período pós-guerra. Contudo, nas décadas subsequentes, as sobreviventes, junto com ativistas, travaram uma árdua luta por reconhecimento, justiça e reparação. Suas histórias começaram a ser reveladas aos poucos, e o mundo passou a reconhecer a extensão dos abusos e traumas que sofreram, resgatando essas vozes que por muito tempo permaneceram à margem da história oficial.

Tais depoimentos e relatos, sobre aquele sombrio e triste pedaço da história das mulheres coreanas, será mais bem abordado ao longo de nossa análise da graphic novel *Grana* (2020), de Keum Suk Grendry-Kim.

1.2 GUERRA ENTRE IRMÃS – A SEPARAÇÃO

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, o Japão foi obrigado a desocupar o território coreano, como resultado de sua derrota no conflito. Embora essa retirada parecesse inicialmente favorável para a tão aguardada libertação e independência da Coreia, a realidade para o povo coreano foi mais complicada. A saída repentina das forças japonesas deixou o país em uma situação de completa ausência de governo. Sem líderes organizados para assumir o poder, a Coreia ficou à deriva, sem uma estrutura administrativa, econômica ou política capaz de garantir a ordem.

Além disso, a ausência de uma liderança consolidada e o vácuo de poder aumentaram as tensões internas, especialmente entre as diferentes facções políticas que disputavam o controle do país. Essa desorganização também tornou a Coreia vulnerável às influências externas, culminando na divisão do território entre o norte, ocupado pelas forças soviéticas, e o sul, sob influência dos Estados Unidos, cenário que acabaria gerando o conflito conhecido como Guerra da Coreia (1950-1953).

À vista disso, com o início da Guerra Fria, Estados Unidos e União Soviética se depararam com o cenário perfeito para conquista do território coreano e, assim, o fizeram. Dessa forma, no final do ano de 1945, durante a Conferência de Potsdam⁶, a península coreana foi então separada pela linha imaginária do Paralelo 38 de latitude, ficando o norte sob influência soviética, enquanto a região ao sul foi colocada sob a esfera de influência dos Estados Unidos. Essa manobra política foi justificada sob a premissa de garantir o cumprimento do tratado de rendição japonesa e a preservação dos direitos políticos e humanos da população coreana.

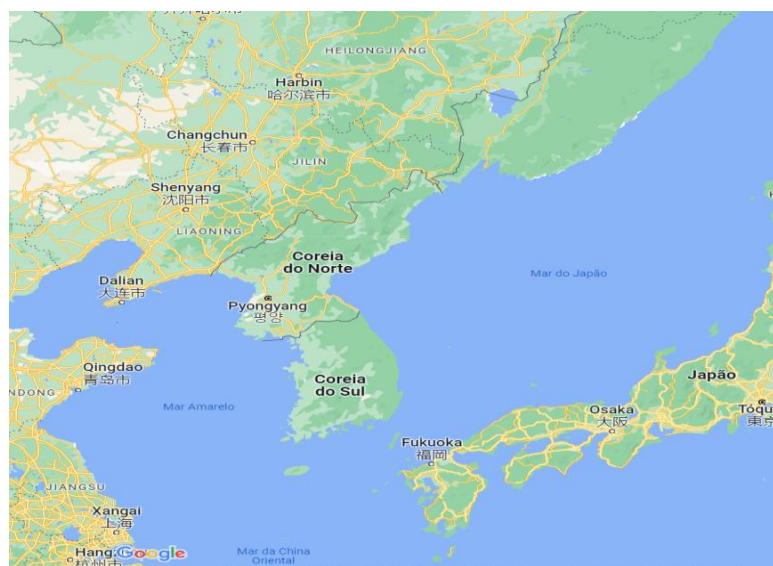
A região ao sul da latitude 38 na Península Coreana passou para o controle dos Estados Unidos, enquanto a região ao norte da latitude 38 passou para o controle da União Soviética. Em 1948, a República da Coreia (Coreia do Sul) e a República Popular Democrática da Coreia (Coreia do Norte) foram estabelecidas nas regiões sul e norte da península, respectivamente. (HANAKI, 2007, p. 9, tradução nossa)⁷

⁶ A Conferência de Potsdam representou o último encontro das nações aliadas – Estados Unidos, União Soviética e Reino Unido durante a Segunda Guerra Mundial. A reunião ocorreu entre os meses de julho e agosto de 1945, após a assinatura da rendição alemã. O principal propósito da conferência consistiu em estabelecer as sanções que a Alemanha seria obrigada a cumprir em virtude de sua responsabilidade primordial no desencadeamento da guerra. Além disso, a conferência também abordou a questão da rendição japonesa e deliberou sobre o destino dos territórios que tinham sido ocupados pelo Japão até aquele momento, com ênfase especial na Península da Coreia.

⁷ No original: “The region south of latitude 38 in the Korean Peninsula came under the control of the US, while the region north of the latitude 38 came under the control of the Soviet Union. In 1948, the Republic

Assim, as divergências entre os dois países envolvidos na guerra, somadas às diferenças políticas existentes dentro da própria população coreana, especialmente entre os habitantes de Sul e Norte, acabam desenvolvendo um enfraquecimento das negociações em busca de uma independência unificada da península coreana. Isto posto, no ano de 1948, um governo nacionalista foi eleito para assumir o controle do Sul, com o respaldo dos Estados Unidos, nomeando Rhee Syngman como presidente inaugural da República da Coreia (Coreia do Sul). Enquanto isso, no Norte, um sistema comunista foi instaurado com o apoio da União Soviética e Kim Il-Sung foi nomeado como líder do regime comunista na República Democrática Popular da Coreia (Coreia do Norte).

No entanto, em 25 de junho de 1950, as tropas norte-coreanas decidem invadir a região Sul com armamento Soviético, resultando naquilo que chamamos de Guerra da Coreia, uma vez que ambos os lados acreditavam possuir o poder majoritário tanto da Coreia do Sul como da Coreia do Norte. Contudo, quando essa afronta volta contra o Norte, com a intervenção das Forças da ONU, os dois lados acabam se envolvendo em batalhas ferozes até que, em 27 de julho de 1953, os dois lados finalmente assinaram o acordo de armistício. Contudo, esse marco na história da península vem se arrastando até os dias atuais e passa a ser o maior conflito já existente no território, com o desgaste de recursos, perda de milhares de vidas e a triste separação de famílias.



of Korea (South Korea) and the Democratic People's Republic of Korea (North Korea) were established in the southern region and the northern region of the peninsula, respectively.”

*Figura 48: Mapa atual da Península Coreana, dividida entre Coreia do Norte e Coreia do Sul.
Fonte: Google Maps. Acesso 08 de outubro de 2023.*

1.3 DITADURA E RECUPERAÇÃO DA DEMOCRACIA

Mesmo tendo o apoio financeiro de seu aliado Estado Unidos da América, a Coreia do Sul passa por mais um período inquieto e difícil de sua história, levando em consideração a destruição econômica e de infraestrutura no país, além do trauma de o povo coreano ter que lutar contra sua nação irmã. Nessa época, a Coreia do Sul se torna um dos países mais pobres do mundo e, em meio a uma neblina de incertezas, foi consumado um golpe militar no país.

Em 1960, uma revolta liderada pelo general Park Chung-hee resultou na instauração de um regime militar na Coreia. O partido governante, por meio da manipulação das eleições presidenciais, empregou uma retórica anticomunista e uma inquietação crescente em relação à segurança nacional como pretexto para assumir o controle do governo e suprimir perspectivas políticas dissidentes. Abre-se assim mais um capítulo sombrio na memória da Coreia do Sul.

Nesse período, houve um grande avanço industrial e econômico no país, com a abertura de grandes empresas e um apoio significativo dos EUA, que contribuíram para tal desenvolvimento. Contudo, a liberdade de expressão do povo e o avanço cultural passavam por um retrocesso significativo, desde o controle dos meios midiáticos ao silenciamento de movimentos contra o governo, além da entrada de estrangeiros no país.

Mais tarde, o regime militar coreano mobilizou a mídia para o desenvolvimento nacional e, assim, a mídia se tornou mais industrializada na década de 1960. Por décadas, a estrutura de poder de cima para baixo tinha um controle rígido sobre a mídia... A mídia era um dispositivo útil administrado por forças governamentais, produzindo integração social, modernização e crescimento econômico. Na Coreia, a relação entrelaçada entre o poder político e a mídia tem uma longa tradição, com a mídia representando os interesses do governo e contribuindo para manter o status político existente. (LEE, 2002, p. 41, tradução nossa)⁸

⁸ No original: “Later the Korean military regime mobilized the media for national development and thus the media became more industrialized in the 1960s. For decades the top-down power structure had tight control of the media... The media was a useful device ran by governmental forces producing social integration, modernization and economic growth. In Korea the intertwined relationship of political power and media has had a long tradition, the media representing the interests of the government and contributing to uphold the existing political status.”

Jovens estudantes mobilizaram-se nas ruas em atos de protesto. A situação se agravou quando muitos manifestantes foram alvejados pelas forças policiais. A luta se dava por melhoras nas condições de trabalho, nas infraestruturas frágeis, na pobreza e na desigualdade social que a classe trabalhadora vinha sofrendo. Tudo isso fez com que muitos estudantes e civis fossem às ruas em busca de melhorias e em prol da instauração de uma democracia no país. Um exemplo desses momentos de luta é o conhecido Massacre de Gwangju (também conhecido como Movimento Democrático de Gwangju), acontecido entre 18 e 27 de maio de 1980, onde centenas de pessoas ficaram feridas e “oficialmente” 160 pessoas perderam a vida pelas mãos de forças militares.

Diante de confrontos e revolta do povo coreano, o então presidente do regime, Chun Doohwan, decide apelar para a mídia, a fim de distrair o povo de assuntos voltados à política. Ao falar sobre a *Hallyu* e o contexto histórico da Coreia, Mazur (2018, 23) diz:

Em frente a isso, uma nova estratégia política para distrair a população de questões políticas foi desenvolvida pelo então governo: a “3S Policy” (ou a “Política dos 3S”), que enfatizava três palavras em inglês que começam com a letra S: Screen, Sex e Sports, ou, Tela, Sexo e Esportes. Utilizando-se desses três pilares, o governo de Chun apoiou a formação do primeiro time profissional de futebol e de basquete, também sua primeira liga de basebol do país e construção de espaços para os esportes, difundiu a TV a cores pelo território e afrouxou regras antes impostas pela censura contra conteúdos sexualmente sugestivos exibidos na televisão e no cinema, tudo a fim de direcionar a atenção do povo para questões que não fossem relacionadas à política.

O governo da Coreia do Sul, após a retirada japonesa, inicialmente concentrou seus esforços em promover o crescimento industrial, enquanto tentava ocultar um regime marcado pela repressão e injustiça social. Esse cenário se prolongou até a década de 1980, quando uma série de protestos populares, com mais de um milhão de cidadãos nas ruas, resultou na renúncia do presidente. Sem o apoio dos militares, burocratas e dos Estados Unidos, o governo foi forçado a abdicar, encerrando três décadas de ditadura militar em 1987. No entanto, a estabilização política só ocorreu em 1998, com a posse de Kim Dae-jung, um marco para a consolidação da democracia no país.

A transição democrática, no entanto, foi acompanhada por desafios econômicos significativos. A crise financeira de 1997, que afetou vários países asiáticos, atingiu a Coreia do Sul em cheio. O crescimento desenfreado gerou bolhas especulativas e um endividamento excessivo, deixando o país vulnerável às oscilações das taxas de câmbio e à insolvência do won sul-coreano em relação ao dólar americano. Essa crise expôs a fragilidade da economia coreana, que, embora tivesse experimentado um rápido

desenvolvimento, era suscetível a pressões externas e internas decorrentes de sua política de crescimento acelerado.

Foi apenas com reformas estruturais significativas e a intervenção de instituições internacionais, como o Fundo Monetário Internacional (FMI), que a Coreia do Sul conseguiu superar essa crise (YANG, 2007). O governo implementou políticas de austeridade e reestruturou o setor financeiro, o que gradualmente restabeleceu a confiança na economia do país. Essa fase de recuperação foi fundamental para o desenvolvimento da Coreia como uma potência econômica global e para a consolidação de sua democracia.

Com a população colocando em posse como presidente Kim Daejung, conhecido como “Presidente Cultura”, os investimentos midiáticos passam a ser primordiais para o avanço tecnológico, financeiro e patriótico da Coreia do Sul. Houve uma aposta no conjunto de cultura e indústria. Dessa forma, uma das estratégias foi transformar o Ministério da Cultura e Esportes em Ministério da Cultura, Esportes e Turismo e anexar a ele a Agência de Informação Pública, visando o desenvolvimento cooperativo das artes, cultura, radiodifusão e turismo nacionais (MAZUR, 2018).

Foi assim que começou o fenômeno mundial que hoje nomeamos de *Hallyu*, que passa a dar seus primeiros passos incentivada pelo governo coreano, que visava, por meio da cultura, a divulgação do produto coreano e elevação do orgulho e resgate da identidade de seu povo.

1.4 HALLYU WAVE: ASPECTOS DA IDENTIDADE E DA CULTURA DA COREIA DO SUL

Para podermos entender como se deu o fenômeno da Onda Coreana, foi de suma importância considerar alguns aspectos históricos do povo sul-coreano que contribuíram para o desenvolvimento econômico e social do país e que levaram a essa grande exportação da sua cultura – tudo isso após deixarem de ser uma colônia do Japão, em 1945. Como dito anteriormente, a Coreia do Sul, ou República da Coreia, tem conquistado admiradores de sua cultura por todo o mundo e isso fica claro com a quantidade de produtos sul-coreanos exportados e consumidos diariamente, seja digital ou fisicamente. No entanto, para entendemos mais sobre essa grande leva de consumidores e amantes da

cultura coreana, vamos entender melhor como se deu e como funciona a famosa *Hallyu Wave*.

O termo “*Hallyu* (한류)Wave” ou “A Onda Coreana” surgiu inicialmente na década de 1990, coincidindo com o estabelecimento de relações diplomáticas entre a Coreia e a China. Nesse período, as produções televisivas coreanas (*k-dramas*) e a música pop do país (*k-pop*) ganharam imensa popularidade nas comunidades de língua chinesa, como quando um dos primeiros dramas de TV coreanos fez sucesso na China, a saber, *What is Love?* (사랑이 뭐길래). O *k-drama* foi ao ar pela CCTV, da China, em 1997, com uma audiência de 4,2%, o que significa que mais de 150 milhões de espectadores chineses o assistiram.

O significado em português do termo *Hallyu* é “fluxo da Coreia”, onde “Han” (한) se refere à condição de ser coreano e “Lyu” (류) significa “fluxo” (MAZUR, 2018). Logo, podemos concluir que a *Hallyu* é justamente todo o fluxo cultural que se origina na Coreia do Sul. Desde então, essas características culturais têm continuado a se expandir ao longo das décadas, alcançando um público cada vez mais vasto. Isso se deu justamente por conta da Liberação Midiática que ocorreu nos anos 1990 na Coreia do Sul, fazendo com que muitos de seus produtos culturais fossem exportados para países asiáticos, e causando na população o orgulho e a confiança em seu próprio país (MAZUR, 2018).

Marcado como o pontapé inicial de exportação da cultura coreana, os *k-dramas* ou dramas, foram os primeiros produtos a chegarem nos lares de pessoas estrangeiras, provando o valor do *soft power*. Esse tipo de controle de imagem e divulgação é consolidado por meio da capacidade de influenciar outros agentes políticos e sociais por meios culturais e ideológicos de maneira indireta. Ao contrário do *hard power*, que visa obter poder por meio de conquista territorial, populacional e/ou militar para conseguir sua estabilidade política, o *soft power* é um termo criado por Joseph Nye (2006) e que pode ser resumido como as nações que se destacam por meio da cultura e entretenimento sem recorrer a forças bélicas. “*Poder é a capacidade de alterar o comportamento dos outros para conseguir o que você quer. Há basicamente três maneiras de fazer isso: coerção (bastão), pagamentos (cenouras) e atração (soft power).*” (NYE, 2006, tradução nossa⁹.)

⁹No original: “Power is the ability to alter the behavior of others to get what you want. There are basically three ways to do that: coercion (sticks), payments (carrots), and attraction (soft power).”

Portanto, quanto se trata de poder, a Coreia do Sul o “poder brando”, impulsionado principalmente por atribuir valor à sua cultura e tornar isso atrativo a outras pessoas.

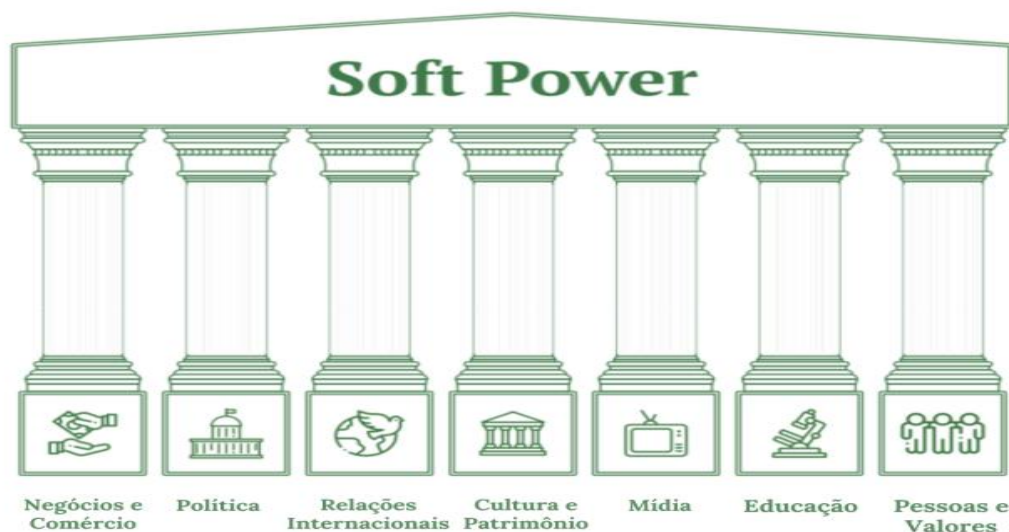


Figura 49: BRAND FINANCE (2021), tradução Karina Hikaru Tsuda.

Nye (2006) trata do *soft power* como uma estratégia que se difere de poder econômico ou militar, a ser aplicado de três possíveis maneiras: sua cultura, seus valores políticos, e suas relações externas. Diante disso, é interessante fazer a relação de pontos que viemos abordando até o momento, sobre o contexto histórico da Coreia do Sul e o atual fenômeno da *Hallyu*, a para apontar que, desde o início, os investimentos econômicos e pensamentos políticos coreanos, em sua maioria, visavam o que vemos na Figura 6. Ou seja: um investimento em mídia, educação, cultura e patrimônio, sempre revelando os valores que o povo coreano quer transmitir para o mundo.

Este segundo aspecto de poder – que ocorre quando um país faz com que outros países queiram o que ele quer – pode ser chamado de poder cooptativo ou soft em contraste com o poder duro ou de comando de ordenar que outros façam o que ele quer [...] líderes políticos e filósofos têm entendido há muito tempo o poder de ideias atrativas ou a capacidade de definir a agenda política e determinar o quadro do debate de tal forma que molda as preferências dos outros. A capacidade de afetar o que outros países desejam tende a ser associada a recursos de poder intangíveis, como cultura, ideologia e instituições. (NYE, 1990, p. 166, tradução nossa)¹⁰

¹⁰ No original: “This second aspect of power—which occurs when one country gets other countries to want what it wants—might be called co-optive or soft power in contrast with the hard or command power of ordering others to do what it wants..., political leaders and philosophizers have long understood the power attractive ideas or the ability to set the poli agenda and determine the framework of d in a way that shapes

Com estratégias políticas bem planejadas e investimentos direcionados à exportação cultural, a Coreia do Sul, desde o fim da ditadura até os dias atuais, tem construído uma imagem positiva e poderosa no cenário internacional. Um dos frutos desse esforço é o fenômeno conhecido como "Onda Coreana" (Hallyu), que vai muito além dos populares k-dramas e do k-pop. Essa onda cultural envolve a promoção da cultura tradicional coreana, a difusão do idioma, a expansão da literatura coreana no exterior e a crescente popularidade dos webtoons, histórias em quadrinhos distribuídas online que têm atraído atenção global. Dentro desse contexto, é sobre a literatura sul-coreana que nos concentraremos agora, uma área que tem ganhado cada vez mais espaço, especialmente com o aumento da produção de webtoons e narrativas gráficas, como é o caso de *Grana* (2020).

1.4.1 A LITERATURA COREANA NO BRASIL

Outro ponto que não deve, em hipótese alguma, ficar de fora quando o assunto é a expansão da cultura coreana para o mundo é a literatura que o país exporta. A Onda Coreana trouxe uma grande visibilidade para tais aspectos culturais, a música pop da Coreia do Sul, popularmente conhecido como K-pop e conta com uma legião de fãs por todo o mundo. Outra vertente renomada são as obras cinematográficas e midiáticas, filmes e diretores ganhando premiações conceituadas no ramo. Seguindo esta lógica, não é difícil imaginar que a literatura sul-coreana também ganhou uma notória visibilidade tanto com o público brasileiro quanto com o público mundial. Obras clássicas, contemporânea, HQs, clubes de leitura sobre literatura coreana, entre outros incentivos para o consumo crescente de leitores desta produção cultural são encontrados no Brasil.

Contudo, a relação da literatura coreana com o Brasil é bem recente. Em 1985, temos a publicação da coletânea *Contos Coreanos* pela editora GRD/Rio-Arte, que traz uma tradução indireta para o português, assinada por Luís Palmery, a partir do inglês. Já em 1993, temos a segunda obra coreana publicada em nosso país, traduzida para o português direto do coreano pela professora e tradutora Yun Jung Im. A obra em questão

others' preference ability to affect what other countries wants tends to be associated with intangible power resources such as culture, ideology, and institutions.”

é um compilado de 40 poetas intitulado *O pássaro que comeu o sol: poesia moderna coreana*.

De lá para cá, tivemos um grande avanço nas publicações de obras coreanas em português. A própria Yun Jung Im possui em seu catálogo de traduções trabalhos como *A Espera* (2021) e *Cães* (2022), ambos de Keum Suk Gendry-Kim, além de *Más Companhias* (2023), de Ancco, e a primeira versão de *A Vegetariana* (2013), de Han Kang, entre outros. Desta forma, é notável o crescimento que o consumo de literatura coreana possui com o público brasileiro, e esse crescimento se propaga também no crescimento em pesquisas acadêmicas sobre o tema.

Com isso, ao entrarmos neste assunto, não é difícil nos depararmos com desafios significativos que acabam fazendo este aspecto em específico ficar “um pouco atrás na corrida” da propagação cultural da Coreia do Sul. Apesar dos avanços em outras áreas, a literatura coreana e sua pesquisa no Brasil encaram dificuldades específicas. Em um quadro falando da Literatura Coreana no mercado brasileiro, Yun Jung Im (2019, p. 15) nos aponta, com detalhe e clareza, a dificuldade que este ângulo da cultura coreana enfrenta:

[...] a escassez de literatura coreana traduzida para o português é uma barreira real para qualquer atividade de pesquisa, [...] esta é uma consequência de múltiplas razões articuladas, como o status histórico periférico da Coreia, o agravamento da crise editorial brasileira, a curta história do ensino de literatura coreana no Brasil, a falta de obras coreanas premiadas internacionalmente, entre outros.

O cenário de crise que o mercado brasileiro de livros passa¹¹ somado à falta de tradutores qualificados, gera uma dificuldade de exploração desta literatura por aqui. Assim sendo, a tradução representa um papel muito importante na quebra de barreiras quanto ao conhecimento de outras culturas, na investigação de literaturas de países periféricos – aqueles que saem do eixo Estados Unidos e Europa. Ao se deparar com tais desafios, Im (2019) aponta que algumas iniciativas foram projetadas por parte do governo coreano para a realização de uma tradução qualificada e contínua de obras coreanas para o Brasil, sendo uma delas o *Literature Translation Institute of Korea* (LTI Korea) no

¹¹ Reportagem CBN (mercado de Livros) de 19 de janeiro de 2024. Link: <https://cbn.globo.com/cultura/noticia/2024/01/19/em-ano-marcado-por-criises-nas-livrarias-venda-de-livros-cai-7percent-no-pais.shtml>

Brasil¹², uma iniciativa do governo sul-coreano para a formação e qualificação de tradutores. A Universidade de São Paulo tem em sua grade curricular o curso de Letras com habilitação em Coreano, coordenado pela própria professora Yun Jung Im, porém, dadas as limitações de tempo do curso é insuficiente que um aluno chegue ao nível de interpretar os textos no original, sem uma tradução para o português ou o inglês. Diante do desafio de formar os tradutores literários do coreano para o português brasileiro, a professora em conjunto com alguns alunos do curso criou um grupo de tradução literária focado em traduzir contos folclóricos coreanos para o nosso idioma. Este grupo foi criado após o VII Encontro de Estudos Coreanos, realizado pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP em 2019 (IM *et al.*, 2021).

Mesmo dentro de um cenário que, de alguma maneira, parece promissor ou esperançoso, as políticas públicas de países como o Brasil não visam cooperar com tal incentivo, como é o caso da própria USP, que vem passando por dificuldade para manter cursos de graduação abertos por falta de professores, e um desses casos o próprio curso de Letras Coreano.¹³

Porém, ainda que com maiores dificuldades, o incentivo à literatura coreana continua perseverando por meio de projetos como o Clube de Leitura de Literatura Coreana, que foi ofertado no ano de 2022 para o público geral. Nesse clube foram realizados dois encontros mensais para a discussão de obras coreanas já publicadas em português brasileiro, dentre elas obras de contos, romances e HQs.

Esta é só mais uma forma de estimular o interesse que o mercado editorial brasileiro vem tendo em obras coreanas. Um grande exemplo é desse interesse é a editora Pipoca & Nanquim, que publicou, desde 2020, pelo menos quatro obras de história em quadrinhos de autoria feminina e coreana, a saber: *Grana* (2020), *A Espera* (2021), *Jun* (2022) e *Cães* (2023), todas de autoria da quadrinista Keun Suk Gendry-Kim.

¹² “Entidade criada em 2005, financiada pelo Ministério da Cultura e do Esporte da Coreia, com o objetivo de apoiar traduções e publicações de literatura coreana no mundo, incentivar e treinar tradutores literários e realizar intercâmbios literários com a comunidade internacional. O instituto financia trabalhos de tradução, diretas e inéditas, mas pode financiar produção editorial de traduções indiretas.” (IM, 2019, p. 01)

¹³ Notícia sobre o possível fechamento do Curso de Letras Coreano da USP. Disponível em: <https://revistakoreain.com.br/2023/09/curso-de-lingua-coreana-da-usp-pode-ser-extinto-por-falta-de-professores/>

Atualmente, no Brasil, encontramos outras obras coreanas premiadas, como é o caso dos romances *A Vegetariana*¹⁴ (2007) e *Atos Humanos* (2014), ambos da escritora Han Kang e publicados pela Editora Todavia. Estes exemplos apontam que o entusiasmo do público brasileiro vem aumentando com as obras da literatura coreana. Nos últimos anos, observamos as barreiras sendo gradativamente vencidas, com a publicação de novos títulos coreanos. Cada vez mais a circulação se torna ampla, podendo futuramente gerar mais pesquisas sobre essa produção. Portanto, vejamos a ascensão de publicações, leitores e a importância que as obras coreanas publicadas no país possuem, e contemplemos tudo isso com bons olhos e positivismo.

1.4.2 NOVELA GRÁFICA – GRAMA

A graphic novel *Grama* (título original: 풀/*Pul*), de Keum Suk Gendry-Kim, é uma obra significativa tanto artística quanto historicamente. Publicada pela primeira vez na Coreia do Sul em 2017 pela editora Nunbit Publishing, a obra chegou ao Brasil em 2020 pela editora Pipoca & Nanquim, com tradução direta do coreano para o português pelo tradutor Jae HW. A graphic novel já foi publicada em diversos idiomas e coleciona prêmios pelo mundo, a tradução em português brasileiro chegou em 2020 e a edição em português de Portugal em 2024, publicado pela Penguin e Companhia.

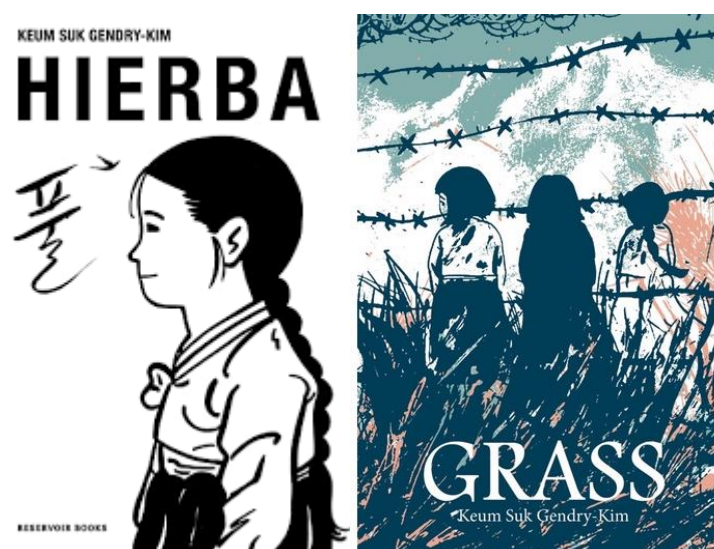


Figura 50: Tradução em espanhol e inglês de 풀. Fonte: google imagens.

¹⁴ Vencedor do *Man Booker Prize* em 2016.



Figura 51: Nova edição de 꽃 publicada na Coreia do Sul (à esquerda). Fonte: instagram da autora @keumsukgendrykim . Tradução brasileira de 꽃 (à direita). Fonte: google imagens.



Figura 52: Tradução em francês (à esquerda) e norueguesa (à direita) de 꽃 . Fonte: instagram da autora @keumsukgendrykim .

Por mais que seu sucesso comercial seja relevante e significativo, é importante apontar a sua importância como objeto formador de memória. *Grama* (2020) é uma narrativa gráfica que aborda a história das “mulheres de conforto” coreanas durante a ocupação japonesa na Segunda Guerra Mundial. Através das memórias de Lee Ok-sun, uma sobrevivente, Gendry-Kim explora os horrores e as cicatrizes deixadas pela guerra e pela escravidão sexual. A obra destaca a importância da memória histórica e a necessidade de justiça e reconhecimento das atrocidades cometidas. Além de contar uma história pessoal comovente, amplia a compreensão sobre a experiência coletiva das mulheres

coreanas forçadas a servirem nos bordéis militares japoneses, um capítulo muitas vezes esquecido ou subestimado na história mundial.

A narrativa nos apresenta primeiramente a nossa protagonista vivendo em sua terceira idade e deixando a cidade onde morava para retornar a Coreia após 55 anos. Após a menção desse retorno ao seu país de origem, somos apresentados a uma Ok-sun Lee pequena, vivendo no interior da península coreana, na cidade de Busan, em 1934. Nossa protagonista nasceu quando o país já era uma colônia japonesa.



Figura 53: Voltar para a casa. Fonte: Grama (GENDRY-KIM, 2020, p. 18-19).

Durante a infância, Ok-sun Lee demonstra ser uma criança feliz e que possui apenas um grande desejo: poder ir à escola. Vinda de família extremamente pobre e por ser menina, esse privilégio não foi concedido a ela, apenas seu irmão mais velho poderia frequentar a escola. Ok-sun ajudava nos afazeres de casa e a cuidar de seus irmãos menores. Nesse cenário de pobreza, onde nem todos conseguiam se alimentar, a família de Ok-sun acaba a vendendo para outra família com a promessa feita de que a garota iria para a escola.

Longe da família, e mais longe ainda de ver sua promessa sendo realizada, ela entende que a escola não é o local que irá frequentar dali para frente. Ela passa a trabalhar para aquela família que a adota e continua em seu destino de cuidar dos afazeres domésticos.

Enquanto temos a visão da vida de nossa protagonista, a narradora Keum Suk faz questão de nos apresentar um pano de fundo com o contexto histórico do que está acontecendo próximo ao território coreano durante julho de 1937. Ali irrompe um dos

mais brutais e tristes ataques na história da China, que se torna alvo do Exército Imperial Japonês. De maneira muito rápida, os japoneses tomam o território chinês e estima-se que o número de pessoas mortas ultrapasse as 300 mil pessoas – entre elas mulheres e crianças, que antes de serem mortas era espancadas e estupradas. Nenhuma pessoa era poupada (GENDRY-KIM, 2020, p. 61)



Figura 54: Julho de 1937. Fonte: Grama (GENDRY-KIM, 2020, p. 56 – 61).

Em *Gramma* (2020), Gendry-Kim faz um trabalho muito interessante em sempre trazer para o leitor o contexto histórico ao mesmo tempo que conta a história de Ok-sun Lee. Esse método acontece desde os primeiros momentos da obra, quando esse cenário

de horror e guerra alcançam a protagonista. Os quadros históricos são sempre bem detalhados e, em seu próprio traço, a autora opta por desenhá-los em blocos quadrados bem sequenciados e emoldurados, como se encaixasse um perfeito quebra-cabeças de vai contar a história de Ok-sun Lee.

Com o avanço da guerra e o cenário cada vez mais violento sob a responsabilidade do exército japonês, a Coreia passa por um período grande de pobreza e fome, e Ok-sun é vendida por sua família adotiva para trabalhar em um restaurante para poder comer. Certa vez, ao realizar um serviço para o seu empregador, com apenas 15 anos de idade, ela é raptada por dois homens coreanos – como uma colônia do Japão, muitos homens coreanos acabaram servindo ao Exército Imperial Japonês –, que a levaram sem fazer uma pergunta sequer.

Ela é levada a uma espécie de campo de concentração, chamada “Estação de Conforto” ou “Casas de Conforto”, onde mulheres era obrigada a atender sexualmente os soldados japoneses. Ali, elas viviam em condições sub-humanas, submetidas à humilhação, violência física e sexual diariamente, infecções sexualmente transmissíveis e à dor de carregar esses traumas por toda a vida.



Figura 55: O rapto. Fonte: Grama (GENDRY-KIM, 2020, p. 162 - 163)

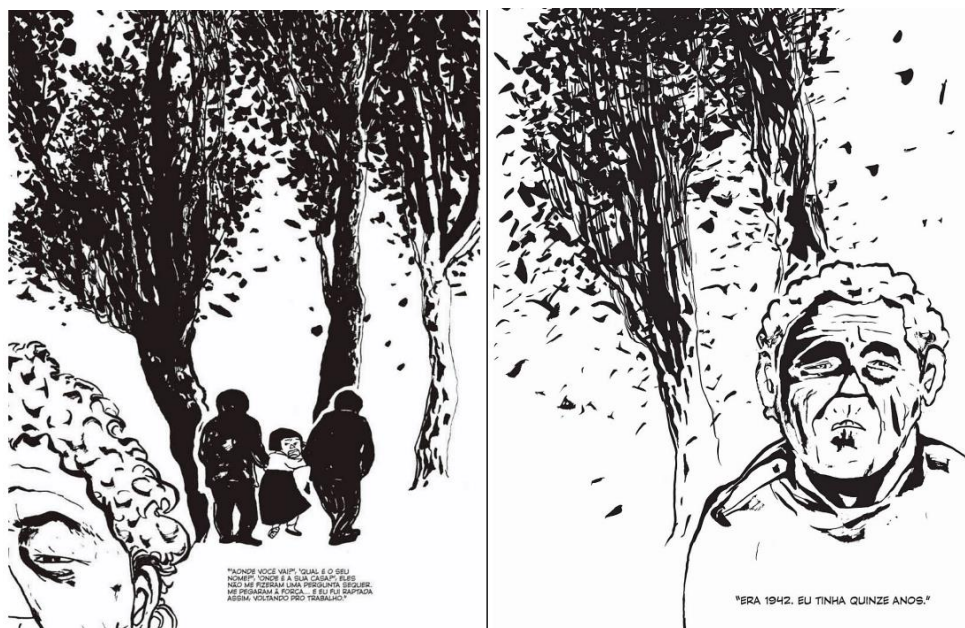


Figura 56: Era 1942. Eu tinha quinze anos. Fonte: Grama (GENDRY-KIM, 2020, p. 164 e 167)

Sem dúvidas, *Grama* (2020) uma narrativa pesada, angustiante e necessária. Além de nos fazer explorar e entender um contexto sócio-histórico de extrema importância sobre países da Ásia durante o período de Segunda Guerra Mundial, também somos expostos à narrativa de um crime contra a humanidade. Ainda que a autora afirme que, por respeito às vítimas e às famílias, tenha amenizado muito na sua narrativa, principalmente nas que envolviam violência, segundo ela, por ser uma mulher e conseguir sentir empatia com as vítimas, ela se coloca no lugar delas. A obra reivindica e traz da margem a memória não só de Ok-sun Lee, mas de muitas outras mulheres que viveram no sistema de conforto e foram silenciadas por décadas após o fim da guerra. Segundo Joan Scott (1992, p. 77):

[...] reivindicar a importância da história das mulheres na história significa necessariamente ir contra as definições de história e seus agentes já estabelecidos como “verdadeiros”, ou pelo menos como reflexões acuradas sobre o que aconteceu (ou teve importância) no passado. E isso é lutar contra padrões consolidados por comparações nunca estabelecidas, por pontos de vista jamais expressos como tais.

Tratar da memória dessas mulheres é cumprir o dever da literatura de dizer o indizível, representar o irrepresentável, ou nas palavras de Marcio Seligmann-Silva (2002, p. 136), “encena a criação do real”. Essa graphic novel nos dá um olhar sobre um passado, da repugnância vivida em guerras, massacres e ditaduras, e a memória dos sobreviventes se tornam uma arma para que a humanidade não repita os mesmos erros. Sendo assim, é necessário entender o papel da memória na luta das minorias por

reconhecimento e, para isso, precisamos entender sua relação com as políticas de identidade na civilização contemporânea.



Figura 57: Não vamos desistir. Fonte: Grama (GENDRY-KIM, 2020, p. 473).

Capítulo II

NARRATIVAS ALÉM DO SILÊNCIO: MEMÓRIA E RESISTÊNCIA FEMININA

“O grito das vovós ecoa todas as quartas-feiras”

(GENDRY-KIM, 2020, p. 473)

Em um cenário de conflitos e guerra, os direitos humanos são violados, anulados e invalidados. Durante o período de status de colônia do Japão, a população coreana é exposta a vários tipos de abolições de seus direitos, *desde a proibição de manifestações e expressões culturais até a mudança dos nomes coreanos para nomes japoneses e censura do uso do Hangul*. No que pauta a memória deste período triste da história coreana, é importante entender sobre a construção da memória oficial e a construção das memórias das vítimas. Em *Grana* (2020), temos o testemunho e a exposição das memórias de Ok-sun Lee, uma mulher vítima do escravagismo sexual do Exército Imperial Japonês durante o período da Segunda Guerra Mundial. Em toda a narração, observa-se o uso das palavras e das imagens para contar a história, para trazer à luz o que Ok-sun Lee viveu e o que outras mulheres também passaram, agregando à obra diversos significados e interpretações dos sentimentos, pensamentos, silêncios e silenciamentos, sendo retratados de maneira respeitosa, mas sem nunca amenizar a história, apelar ao sentimentalismo ou abrandar desumanidade do conflito.

Na graphic novel é possível notar, prontamente, que se trata de uma obra que delega à protagonista a narração de sua própria história. As primeiras palavras que lemos é da mesma Ok-sun Lee, dando instruções para os familiares cuidarem de seu esposo, enquanto retorna para sua terra natal após 55 anos: “o visto eu tive que conseguir no consulado coreano em Pequim [...] porque eu fui declarada falecida na Coreia do Sul [...] Demorei tanto tempo para voltar para casa.” (GENDRY-KIM, 2020, p. 472) O caráter documental, no equilíbrio entre o relato histórico e a difusão da história pela visão da mulher e vítima é o âmago da narrativa que iremos analisar.

Dar a voz aos sem voz foi uma prática muito realizada nos anos 1970. Esses relatos eram coletados por meio de entrevistas, muitas vezes para complementar uma investigação tradicional que era feita, baseada em arquivos, documentos, biblioteca e registros oficiais. Porém, a partir dos anos 1980, a prática de coletar depoimentos, entrevistas e relatos passou a ganhar um mérito e um destaque cada vez maior, deixando de lado o lugar de auxiliar uma investigação “maior” ou “mais importante”, e passando a ser uma parte fundamental de qualquer análise sobre acontecimentos passados. Tratar de memória em *Grana* (2020) é combater uma política de esquecimento do governo japonês quanto a uma reparação pelo que essas mulheres viveram durante a Guerra.

A memória, o relato e os depoimentos das “mulheres de conforto” deixam em carne viva, de fato, a desigualdade no tratamento das vítimas (homens e mulheres), fazendo eclodir uma porção de divergências na reparação dos crimes de guerra. Tudo isso sem a intenção de mais uma vez vitimizar as vítimas, nem as tornar heroínas ou figuras idealizadas, mas dizer que “a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.” (POLLAK, 1992, p. 145)

2.1 O SILENCIAMENTO DAS “MULHERES DE CONFORTO” DURANTE E NO PÓS-GUERRA

Para entendermos os aspectos da memória e da resistência feminina quanto à questão das “mulheres de conforto”, precisamos ter um panorama de como funcionava as “Estações de Conforto”, ou, como na versão traduzida de *Grana* (2020) se refere, “Casas de Conforto”. Durante a Segunda Guerra Mundial, os soldados japoneses usavam o termo “Mulheres de Conforto” para se referir às mulheres designadas como “*Comfort Women*”, uma tradução direta do inglês que se origina dos termos coreano, romanizado (*wuianbu*) e japonês (*ianfu*).

As “Mulheres de Conforto” faziam parte de um sistema organizado pelas forças japonesas para fornecer serviços sexuais às tropas de soldados. Inicialmente estabelecidas na Manchúria, por volta de 1931, essas “Estações de Conforto” foram expandidas à medida que o conflito se intensificava, especialmente após eventos como o ataque a Nanquim (cf. GENDRY-KIM, 2020, p. 56-62), em 1937, e o ataque a Pearl Harbour, em

1941. Nesse sistema, mulheres eram recrutadas à força para servir sexualmente aos soldados japoneses e coreanos – que acabaram se juntando aos japoneses na guerra, como mão de obra –, com estimativas apontando para um número entre 100 e 200 mil mulheres. As fases históricas desses locais foram divididas em três períodos distintos, de acordo com Soh (2008), destacando-se os seguintes momentos-chave: pré-invasão da Manchúria (1932-1937), pós-ataque de Nanquim (1938-1941) e pós-ataque a Pearl Harbor (1942-1945).

O funcionamento dessas instalações era desumano: as mulheres eram drogadas para facilitar a prestação de serviço que eram obrigadas a realizar; o contato com as mulheres deveria ser feito com o uso preservativos, embora muitas vezes os soldados não os utilizassem (GENDRY-KIM, 2020, p. 210-211), ou tinham a tarefa humilhante de lavar e reutilizar os preservativos já utilizados, sendo obrigadas a atender dezenas de soldados diariamente, enfrentando doenças, gravidez e traumas inimagináveis. Essas mulheres foram vítimas de uma atrocidade inaceitável que deixou cicatrizes físicas e emocionais irreparáveis devido aos horrores da guerra.

Como demonstrado no Capítulo I, observamos como a influência chinesa foi importante em várias esferas da formação da cultura coreana e se manifestou de diversas formas ao longo dos períodos históricos. O sistema de exames imperiais baseados nos ensinamentos confucionistas (esses que não iremos abordar neste trabalho, mas é interessante apontar brevemente neste momento) foi uma característica chave desses períodos. Essa ideologia é caracterizada pela hierarquização sobre as relações humanas, enfatizando a moralidade, a ética, a hierarquia social e as relações familiares como fundamentais para uma sociedade harmoniosa. Trata-se de um pensamento que delinea as expectativas sociais e os deveres de cada membro, baseados na idade, gênero e hereditariedade. Logo, a alteração do status social da mulher em detrimento do homem destaca as trações de uma sociedade extremamente patriarcal. (CHANG; KIM 2005)

As mulheres são vistas desempenhando papéis fundamentais, como esposas e mães, tradicionalmente associados à manutenção do lar, cuidar dos filhos e apoiar o marido. Espera-se que as mulheres sejam devotadas à família e cumpram seus deveres, ocupando uma posição inferior à dos homens, sendo submissas, seja ao pai, marido ou filho mais velho. Quando falamos de uma sociedade patriarcal, com os papéis bem delimitados, quase sempre tocamos no assunto da castidade da mulher, que é frequentemente associada à preservação da honra e reputação da família. E por isso que

“nesse contexto cultural, muitas mulheres se suicidaram para evitar o estupro ou após serem estupradas durante as duas invasões japonesas na Coreia durante a Dinastia Joseon no final do século XVI e suas mortes foram reconhecidas como ações honrosas de mulheres virtuosas.” (Okamoto, 2017, p. 54). O peso de voltar para suas casas após as atrocidades a que foram submetidas seria outro desafio que essas mulheres teriam de enfrentar.

Ao declarar o fim da Guerra, com o bombardeamento de Hiroshima e Nagasaki, em 1945, o Japão se rende e sai do território coreano, tornando a Coreia independente. Agora, em um novo cenário, de libertação, um novo desafio foi colocado no caminho dessas mulheres: elas estariam expostas ao julgamento da sociedade coreana. Cientes dos desafios de reintegração social que o retorno à Coreia poderia implicar no período pós-guerra, algumas das sobreviventes optaram por permanecer nos países onde foram levadas, como foi o caso de Ok-sun Lee, protagonista de *Grana* (2020), que viveu na China durante toda sua vida e retornou à sua casa 55 anos depois, com o propósito de alcançar a reparação do governo japonês, enquanto outras chegaram ao extremo de tirar suas próprias vidas, como podemos notar na obra (GENDRY-KIM, 2020, p. 208-209). Muitas dessas mulheres, então, enfrentaram a solidão, o divórcio — frequentemente motivado pela infertilidade, doenças venéreas ou pela revelação de seus passados — ou tornaram-se viúvas após unirem-se a homens mais velhos, pois muitas delas precisavam do apoio financeiro e social (GENDRY-KIM, 2020, p. 369-413).

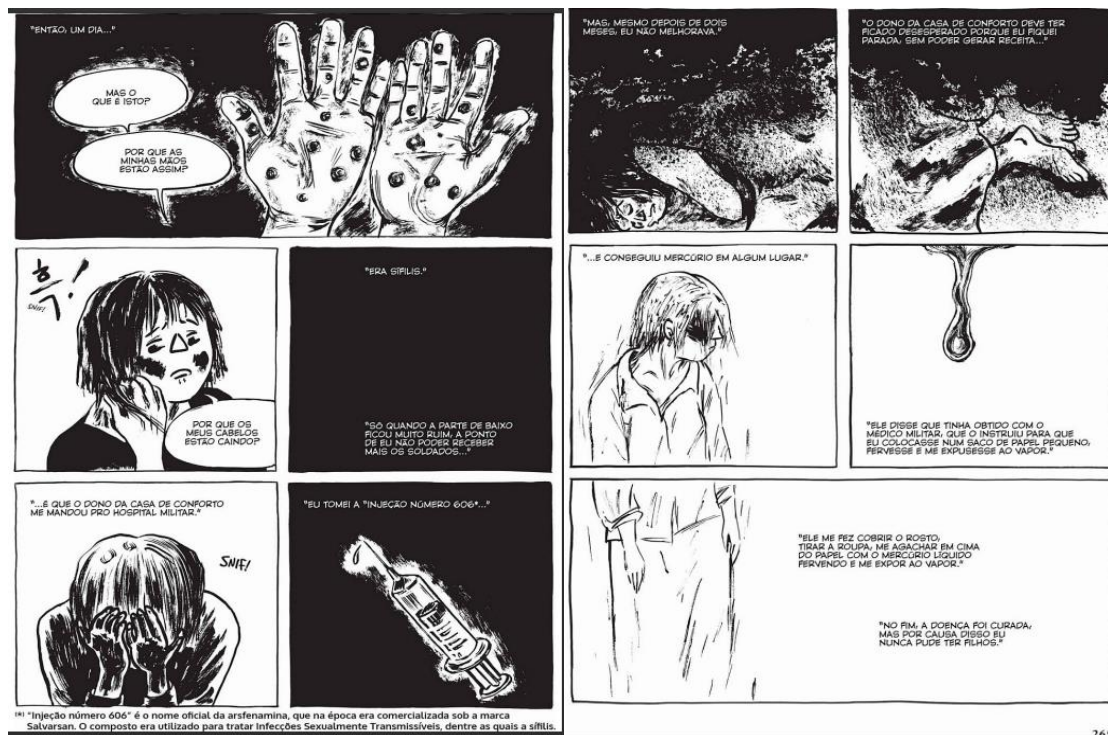


Figura 58: Tratamento. Fonte: (GENDRY-KIM, 2020, p 264-265).

Num contexto pós-guerra e no início da guerra civil (Guerra da Coreia), a questão das “mulheres de conforto” foi largamente negligenciada pela Coreia. Tal negligência foi justificada, aparentemente, pela escassez de evidências documentais que permitissem uma acusação formal contra o Japão à época (VIANA, 2022, p. 14). Além disso, o tratado de normalização de 1965, entre os dois países, não abordou a questão, impedindo o governo coreano de buscar reparações pelos danos infligidos durante o período colonial.

A partir de 1988, após as eleições livres da Coreia do Sul, houve uma abertura na discussão a respeito das “mulheres de conforto”. Nesta época já havia organizações e levantes em relação a esta questão, intituladas de *Jeongsindae*, termo que denomina as “mulheres de conforto”. Os sul-coreanos hoje, em geral, se referem às sobreviventes como *Jeongsindae halmoni* (avós Jeongsindae), buscando, desde o termo, uma reparação para o acontecimento. A associação *Jeongsindae Research Association* foi responsável pela realização de uma primeira investigação sobre o quadro das “mulheres de conforto”, pautando o tema como um dos mais importantes nas discussões feministas do país.

O catalisador direto foi fornecido em maio de 1990, quando uma organização de mulheres se dirigiu ao governo japonês em um pedido formal para trazer a questão à luz. Isso fez com que as mulheres da Ásia entrassem em ação. Na década de 1990, mulheres sobreviventes de todos os países afetados, exceto o

Japão, apareceram e se identificaram (YAMASHITA, 2009, p. 210, tradução nossa)¹⁵

As organizações feministas tentaram estabelecer parcerias com o governo japonês e organizações de direitos humanos, com o propósito de pressionar o governo japonês a reconhecer os crimes cometidos por seus antecessores e a oferecer compensações às vítimas. Com o intuito de agilizar as investigações sobre a questão das “mulheres de conforto”, o movimento de reparação empreendeu na produção acadêmica, o que inclui livros e artigos dedicados ao tema. Adicionalmente, foram realizadas manifestações semanais em frente à Embaixada japonesa na Coreia do Sul a partir de 1992. Esse movimento de manifestação semanal ocorre até os dias de hoje, toda quarta-feira, e foi impulsionado pelo testemunho feito por Kim Hak Sun, uma sobrevivente do sistema de conforto que, em 1991, após 46 anos do fim da guerra, tornou público seu relato em TV aberta, o que ocasionou no incentivo de outras sobreviventes procurarem compartilharem suas experiências.



Figura 59: Ok-sun Lee, ao meio, em manifestação em frente a Embaixada do Japão, em Seul.
Imagem: Tsukasa Yajima

A postura do governo japonês frente aos depoimentos das vítimas foi de não reconhecer seu envolvimento na situação posta. Esse posicionamento se deu até 1993, quando o Japão finalmente admitiu a culpa no recrutamento e transporte das mulheres

¹⁵ Texto original: The direct catalyst was provided in May 1990, when a women's organization addressed the Japanese government in a formal request to bring the issue to light. This stirred women throughout Asia into action. By the 1990s, comfort women survivors from all the affected countries except Japan had come forth and identified themselves (YAMASHITA, 2009, p. 210)

para as “estações de conforto”, reconhecendo uma violação das leis dos Direitos Humanos internacionais e optou por uma abordagem de reparação por meio da arrecadação de fundos para as vítimas. No entanto, o *Jeongsindae* rejeitou esse “pedido de desculpas”, rotulando como uma tentativa de evitar a responsabilidade dos criminosos de guerra, e insistiu que o Governo do Japão se posicionasse como único responsável por seus crimes.

É mais importante obter um sincero pedido de desculpas do que simplesmente obter uma compensação monetária. Eu não sou mercadoria que pode ser trocada por dinheiro. Mesmo se eles me derem o Japão inteiro, não podem compensar o meu sofrimento ao longo da vida. Eu nunca vou aceitar o dinheiro do Fundo para as Mulheres Asiáticas. O governo japonês deve fazer um pedido de desculpas sincero e me compensar diretamente. (KIM SOO-JÁ, Sobrevivente do Sistema de Conforto, OKAMOTO, 2013, p. 93)

Em resumo, a postura do Japão em relação às “mulheres de conforto” continua a ser um tema de debate e controvérsia, com diferentes visões sobre a adequação das respostas do governo japonês diante desse aspecto sombrio de sua história militar.

2.2 MEMÓRIAS SILENCIADAS – RECONSTRUINDO NARRATIVAS

Não é difícil notar, após essa contextualização, que há muito tempo as *Jeongsindae halmoni* buscam uma reparação por parte do governo japonês por todo o horror que passaram. Ok-sun Lee sempre foi subjugada pelo patriarcalismo, desde a infância, onde não podia ir à escola por ser mulher, por ser vendida pelo próprio pai, por ser raptada e levada por homens para servir de escrava sexual para soldados japoneses, por aceitar sua condição na sociedade e se casar com um homem mais velho e criar o filho deste como se fosse dela. Ok-sun Lee quebra seu silêncio e nos mostra como as memórias silenciadas, uma vez colocadas para fora, podem reconstruir narrativas.

Durante toda obra, vemos como Ok-sun é duplamente marginalizada, pelo colonialismo japonês e pelo patriarcado coreano. Ela sofre preconceito por parte da família por ter sido raptada e submetida a condições desumanas, já que havia servido ao exército (GENDRY-KIM, 2020, p. 434); não tinha o mínimo conhecimento sobre aspectos relativos ao corpo feminino, como menstruar ou engravidar (*ibidem*, p. 217-223); e o uso do mercúrio para tratar a sífilis tornou-a estéril. Nossa protagonista é vítima desde o momento de seu nascimento: o fato de ter nascido menina a impossibilitou de ir à escola (*ibidem*, p. 31), e não saber se foi dada ou vendida por sua própria família (*ibidem*, p. 80).

Ao escolher o título da obra, “Gramma” (no original, 풀/Pul), Keum Suk Gendry-Kim deu o nome da resistência dessas mulheres. A grama que sempre renasce, que sobrevive a fortes climas, mas que na primavera sempre volta a nascer:

O solo, por muito tempo adormecido, vai despertar, e a pequena grama vai se reerguer em meio às folhas secas, queimadas pelo frio. Mesmo derrubada pelo vento e pisoteada por muitos, a grama sempre se reergue. Pode ser que ela te cumprimente de forma tímida, passando de raspão pelas suas pernas. (GENDRY-KIM, 2020, p. 477)

Ao contar uma história pessoal comovente, *Gramma* (2020) amplia a compreensão sobre a experiência coletiva das mulheres coreanas



*"MANIFESTAÇÃO DE QUARTA-FEIRA" É UM PROTESTO QUE OCORRE SEMANALMENTE, AO MEIO-DIA, EM FRENTE À EMBAIXADA DO JAPÃO, EM SEUL. EXISTINDO JUSTIÇA DO GOVERNO JAPONÊS PELO CASO DAS MULHERES DE COMFORTO, OCORRERU PELA PRIMEIRA VEZ EM 8 DE JANEIRO DE 1992.

472



Figura 60: As vovós lutam por reparação. Fonte: Grama (GENDRY-KIM, 2020, p. 471 – 473)

Com o crescimento do movimento feminista sul-coreano e a difusão dos relatos das “mulheres de conforto”, traz-se ao restante da população mundial um prisma desta história, que antes era apagado. E trazer à tona esses depoimentos faz renascer a grama após o inverno, como um ciclo, que se repete a cada temporada, e que, aqui, busca por sua reparação, questões igualitárias de gênero e a redução da violência contra as mulheres.

2.3 CONTEXTUALIZANDO A MEMÓRIA INDIVIDUAL, COLETIVA E CULTURAL

A memória ocupou e ocupa um lugar muito significativo nos movimentos sociais. Ela é um elemento fundamental que movimenta todos os âmbitos da sociedade. Preservar, manter e defender essa memória é uma maneira de promover e garantir justiça para aqueles que foram submetidos a atrocidades humanas.

Diante da repugnância vivida em guerras, massacres e ditaduras, a memória dos sobreviventes se torna uma arma para que a humanidade não repita os mesmos erros. Entender o papel da memória na luta das minorias por reconhecimento é entender sua relação com as políticas de identidade na civilização contemporânea.

Ao pensarmos em memória, é natural que automaticamente pensemos em individualismo/indivíduo/individual, uma vez que a memória é intrasferível de um para outro e é particular e inerente de cada um. Em alguns movimentos sociais a questão da memória é muito importante, pois, buscam por lutar contra o esquecimento de horrores históricos, como os ocorridos durante a Segunda Guerra Mundial – Holocausto e, no caso da Coreia, a luta das “mulheres de conforto”.

Assim, apoiar-se nos estudos de memória passa a ser um ato complexo, caracterizado por sua natureza conflitiva. Diversas versões dos mesmos eventos coexistem, como um prisma refletindo diferentes perspectivas e experiências individuais e coletivas. É importante ressaltar que a memória não está comprometida com uma verdade única ou com a história oficial. Pelo contrário: ela é um mosaico de vivências, produzindo uma memória coletiva ampla e em constante mudança e desdobramentos, muito importante para a faculdade humana, onde se é possível construir conexões que estabelecem lembrança e conseqüentemente a produção do conhecimento.

Segundo Aristóteles (*apud* Seligmann-Silva, 2008, p. 74), “memória é um conjunto de imagens mentais das impressões sensuais, com um adicional temporal, assim tratando-se de um conjunto de imagens de coisas do passado.” A memória não é individual, mas sempre coletiva e estruturada a partir de pontos de referência compartilhados pelos membros de determinados grupos sociais. Mesmo que um evento seja experimentado por um indivíduo de forma solitária, a maneira como essa experiência é interpretada, lembrada e ressignificada está intrinsecamente ligada aos valores, experiências e interações desenvolvidos na coletividade. Segundo Halbwachs (*apud* Pollak, 1992, p. 56): “Memória deve ser entendida também, ou, sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes.”

Os estudos sobre a memória ganharam destaque a partir da década de 1970, tornando-se um campo cada vez mais investigado. Inicialmente, a memória era vista como uma ferramenta auxiliar para a coleta e validação de dados científicos relacionados a contextos históricos, fenômeno conhecido como o "boom da memória". Esse movimento refletia a crescente busca da humanidade por referências identitárias estáveis, à medida que antigas noções de identidade eram desafiadas. No caso da Coreia, um país que passou por um longo período colonial sob o domínio japonês, seguido por uma guerra civil e uma ditadura, a reconstrução de uma nova identidade tornou-se fundamental no final do século XX. Assim, nesse caso, a memória não se restringe ao registro de eventos históricos, mas assume um papel vital na formação de uma coesão social, sendo um elemento essencial para o sentimento de pertencimento e a construção de novas narrativas identitárias.

Podemos, portanto, dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (POLLAK, 1992, p. 204)

O silêncio e a exclusão de mulheres nos documentos importantes que pautaram as movimentações no mundo moderno são representativos quando elas são colocadas ao esquecimento. Em contrapartida, de alguns anos para cá, elas vêm ficando cada vez mais presentes, dado o crescimento e difusão do movimento feminista e a propagação de narrativas femininas. *Herstory*, por exemplo, é um termo utilizado na História para a história escrita a partir de uma perspectiva feminista, enfatizando o papel das mulheres, ou contada do ponto de vista de uma mulher nos quadrinhos (COSTA, 2020, p. 19).

A história sempre enfatizou a voz do homem e esperou o silêncio da mulher. Sendo assim, para construir uma memória coletiva feminina e acessível, outros meios passam a ser utilizados para reescrever a história. Meios não tradicionais, como uma história em quadrinhos, que é o caso de *Gramma* (2020), trazem uma nova maneira de narrar o passado e o presente.

2.3.1 MEMÓRIAS QUE ECOAM: APRENDENDO UMA HISTÓRIA COLETIVA A PARTIR DOS PERCURSOS INDIVIDUAIS

Para entendermos como os estudos da memória funcionam, vamos começar explicando três conceitos de memória: a memória individual, a memória coletiva e a memória cultural. Nesta última, vamos nos debruçar sobre o conceito para explicar a relevância da graphic novel *Gramma* (2020) para a reescrita de uma história e a identidade das mulheres coreanas.

A memória é constituída sempre em grupo, mas o trabalho requer de cada indivíduo. Segundo Halbwachs (1990), a rememoração pode pertencer ao campo do abstrato ou, ainda, formar-se em imagem e permanecer assim, ou se tornar uma lembrança viva; já o destino da memória para um desses grupos depende do grupo de referência. O grupo de referência é aquele em que o indivíduo formou/constituiu seu passado, junto ao qual possui um estabelecimento de pensamentos em comunidade e identificação. As imagens são criadas a partir da vivência social, onde se cria as lembranças, e essas sempre são frutos de um processo coletivo.

O apego às pessoas de sua comunidade está ligado as lembranças, enquanto o desapego está relacionado ao esquecimento. Para Halbwachs (1990), a lembrança é o reconstruir e reconhecer. Reconstruir por dois motivos: pelo resgate de acontecimentos, não sendo linear e levando em consideração as preocupações e interesses atuais desse sujeito; e por serem evocadas e localizadas num tempo, espaço e conjunto de relações sociais. Já o reconhecimento se dá a partir de um fundamento comum de dados e noções compartilhadas, sendo que as lembranças recobram relações sociais, uma vez que não temos lembranças de pensamentos e sentimentos isolados – ou seja, que não perpassem por uma vivência coletiva.

[...] diríamos que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo

e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes. (HALBWACHS, 2006, p. 69)

Com isso posto, concluímos que é improvável haver uma memória individual, dado que, toda lembrança de um indivíduo é fundada pela sua relação de pertencimento a algum grupo. Em vista disso, a memória individual refere-se às recordações, experiências e vivências específicas de um único indivíduo. Essa memória é construída a partir de eventos pessoais, sentimentos e percepções únicas, que moldam a identidade e a visão de mundo de cada pessoa. A memória individual é fluida e sujeita a influências externas, sendo constantemente reinterpretada e contextualizada de diferentes formas ao longo do tempo.

Não basta reconstituir pedaço por pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstituição funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aqueles e vice-versa, o que será possível se somente tiverem feito e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo. (HALBWACHS, 2013, p. 39)

[...] experiências mnemônicas, mesmo que vividas individualmente [...] são coletivas na medida em que a experiência de outras pessoas participa desse encontro. [...] O impacto da cultura do outro sobre si e da nossa própria cultura sobre o outro dá origem a algo novo que surge da relação com o outro na diversidade. (BERND, 2013, p. 27 e 29)

A estrutura em que a memória individual está estabelecida diz respeito às concepções geradas pela memória coletiva. A interação em uma comunidade atua como fundamento para a constituição de uma memória pessoal, que, portanto, conterà “vestígios” da memória coletiva do conjunto social no qual o sujeito está integrado. Halbwachs (2013) argumenta que mesmo a memória individual não é completamente independente do contexto social. Os indivíduos são inseridos em grupos sociais e culturais específicos, e suas memórias individuais são influenciadas por essas pertenças coletivas. As interações sociais, normas culturais e valores compartilhados moldam a forma como os eventos são lembrados e interpretados por cada pessoa.

Maurice nos apresenta dois tipos distintos de memória, a interna, que seria autobiográfica, e a externa, que seria a histórica e da qual a primeira recebe influência. Aqui vale ressaltar que, para o sociólogo (Halbwachs, 2013, p. 79), ao falar de história, ele não estava se referindo ao período cronológico decorrido de um tempo mas sim, “tudo o que faz com que um período se distinga dos outros, do qual os livros e as narrativas em geral nos apresentam apenas um quadro muito esquemático e incompleto.”

Todo o ambiente no qual o indivíduo está imerso o influencia de alguma forma a reconstruir os fragmentos e impressões de um momento específico, indo contra o conceito de que o passado é imutável ao qual deve-se conformação.

Na memória coletiva, o passado é constantemente reconstruído e remontado, sendo ele um passado vivido por um grupo, é o produto das lembranças compartilhadas por um grupo social ou comunidade. Ela é construída a partir de narrativas, símbolos e eventos que são considerados significativos e relevantes para o grupo, essencialmente social e não pode existir sem a participação ativa dos membros do grupo. Ela é constantemente negociada e reinterpretada pelos membros da comunidade, refletindo as mudanças sociais, políticas e culturais ao longo do tempo.

Já o teórico Michael Pollak, (1992, p. 200) define a memória individual e a memória coletiva do seguinte modo, respectivamente, como “os acontecimentos vividos pessoalmente” e como “os acontecimentos que eu chamaria de ‘vividos por tabela’, ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer”. Ou seja, a memória individual é composta pelas recordações, experiências e percepções pessoais de um indivíduo. Ela é formada por eventos vivenciados ao longo da vida, influenciados por fatores como a personalidade, as relações interpessoais e as experiências únicas de cada pessoa. Pollak (1992) reconhece a importância da memória individual como parte integrante da identidade de um sujeito, refletindo sua trajetória pessoal e suas vivências particulares. Já a memória coletiva refere-se às lembranças compartilhadas por um grupo social ou comunidade. Ela é construída a partir de eventos, narrativas e símbolos considerados significativos para o grupo, sendo transmitida e preservada ao longo do tempo por meio de tradições, rituais e práticas culturais. Pollak (1992) destaca que a memória coletiva desempenha um papel fundamental na construção da identidade grupal, na coesão social e na transmissão de valores e tradições entre gerações.

A memória cultural é constituída por heranças simbólicas materializadas em monumentos, documentos, ritos, celebrações, objetos, textos, escrituras e outros suportes mnemônicos, além de possuir um papel fundamental na construção das identidades. Ela abrange tanto os elementos materiais quanto imateriais da cultura de um grupo social, incluindo artefatos históricos, monumentos, festivais, mitos, lendas e costumes.

A memória cultural é um campo de estudo interdisciplinar que abrange aspectos da antropologia, sociologia, história e estudos culturais. Ela se refere às maneiras pelas quais as sociedades lembram e reproduzem seu passado, utilizando-se de símbolos, narrativas e práticas para transmitir conhecimento e identidade ao longo do tempo. Este conceito se tornou central nas discussões sobre identidade coletiva, patrimônio cultural e políticas de memória. A memória cultural, conforme definida por Jan Assmann (2013), é a forma como os grupos sociais constroem e mantêm uma relação com o passado através de práticas culturais e comunicações intergeracionais. Ela difere da memória individual por estar enraizada em narrativas coletivas que são perpetuadas através de textos, rituais, monumentos e outras formas de mediação cultural. A memória cultural pode ser considerada uma memória “externa”, apoiada em registros materiais e simbólicos, contrastando com a memória “interna” dos indivíduos.

A memória cultural possui algumas funções importantes como a construção da identidade, contribuindo para a formação de uma identidade coletiva e proporcionando um senso de continuidade e coesão dentro de um grupo social. Através de mitos fundadores, comemorações e tradições, a comunidade reforça quem ela é e de onde veio. Almejando a transmissão e educação de valores por meio de processos educacionais e rituais, a memória cultural transmite valores, normas e conhecimentos essenciais para a socialização de novos membros da sociedade.

Ainda sobre a memória cultural, Assmann (2013), ao estabelecer os principais aspectos da sua teoria por meio da pesquisa iniciada em 2011, *O Passado no Presente: Dimensões e Dinâmicas da Memória Cultural* aborda o tema ao realizar duas categorias de memória: a comunicativa e a cultural. Quanto à primeira, a comunicativa, está relacionada à transmissão longa das lembranças da vida cotidiana e que são passadas por meio da oralidade; já a segunda, a cultural, é alusiva às recordações objetivadas e institucionalizadas, que podem ser registradas, transmitidas e reincorporadas ao longo das gerações.

Zilá Bernd (2018, p. 21), ao refletir sobre memória cultural, diz:

[...] assim, a chamada memória cultural incorporaria os elementos que pertencem à esfera do sensível e do simbólico e que escapam ao registro hegemônico do poder e sua tentativa de construção de uma identidade nacional em termos de totalização. Há, portanto, um caráter político inegável na utilização do conceito de memória cultural.

Portanto, é impossível nos dissociarmos do caráter político quando falamos de memória cultural, já que essa faz parte de uma tentativa de construção de uma identidade.

E essa construção se dá pelos “vestígios” (BERND, 2018), sendo uma identidade que se constrói além dos arquivos históricos e oficiais, algo que leva em conta aquilo que foi reprimido.

Zilá Bernd cita Gagnebin (2014, p. 18 *apud* Bernd, 2018, p. 42): “Escrevemos para sobreviver, para não morrer por inteiro, ou para deixar algo de durável (não ousamos mais dizer de eterno), para deixar um rastro ou uma marca de nossa passagem; rastro ou marca que, esperamos, serão piedosamente conservados pela posteridade.” Portanto, escrever torna-se um imperativo para deixar a nossa marca. Assim, no ato de registrar a nossa marca na narração literária, narrar o trauma e transmiti-lo de maneira efetiva não é perpetuar o luto ou a violência. O ato de narrar faz o trabalho de “religamento ao mundo, de reconstrução de casa” (SELIGMANN-SILVA, 2008). Dessa forma, o ato de testemunhar torna-se libertador e dá ao protagonista a sensação de renascer para outra vida.

A memória cultural é um campo vital para entender como as sociedades lidam com seu passado e constroem seu futuro. Através de um exame cuidadoso das práticas e narrativas que sustentam a memória cultural, podemos entender sobre as dinâmicas de identidade, memória e transmissão. O estudo da memória cultural nos desafia a considerar não apenas o que lembramos, mas também como e por que certas memórias são preservadas ou esquecidas.

Capítulo III

ANÁLISE DE GRAMA: A VEGETAÇÃO COMO REFLEXO DE EXPERIÊNCIAS VIVIDAS

“O solo, por muito tempo adormecido, vai despertar, e a pequena grama vai se reerguer em meio às folhas secas, queimadas pelo frio. Mesmo derrubada pelo vento e pisoteada por muitos, a grama sempre se reergue. Pode ser que ela te cumprimente de forma tímida, passando de raspão pelas suas pernas.

– Olá! O inverno está indo, e a primavera, chegando. O calor da primavera estará aqui em breve, derretendo o frio que parece não ter fim.”
(Keum Suk Gendry-Kim, 2020)

Neste capítulo iremos abordar a maneira como Keum Suk Gendry-Kim, personagem e autora de *Grama* (2020) traz ao leitor o testemunho de Ok-sun Lee. No primeiro capítulo trouxemos dados das premiações que a obra conquistou desde a sua publicação, foi apresentado algumas figuras com imagens de traduções em diferentes idiomas e um panorama geral sobre o conteúdo do quadrinho, assim sendo, não nos aprofundaremos mais uma vez nestes aspectos já apresentados, mas sim vamos destacar a autora e a personagem Keum Suk; faremos uma análise de como a autora imaginou e expressou em sua obra os momentos que Ok-sun Lee vivenciou, como era o local que ela se encontrava nas situações descritas em seu testemunho e como a autora representou seus momentos de silêncios, pausas e reflexão.

Sempre reforçando a importante da investigação respeitosa a história de Ok-sun Lee, de todas as “mulheres de conforto” e das mulheres coreanas, a análise vai se aprofundar nos aspectos da vegetação desenhada e utilizada para compor os quadros da obra, como a vegetação se comportou ao longo da narrativa, enquanto tanto personagem quanto história iam se desenvolvendo. *Grama* (2020), desde seu título nos apresenta a um relato que possui associação com a natureza/vegetação, reforçando um aspecto de resistência daquilo que é cortado, pisoteado, amassado e dado como morto durante um período (como no inverno, no caso das plantas físicas) mas que voltam, como um ciclo de perseverança.

3.1. KEUM SUK GENDRY-KIM, AUTORA E PERSONAGEM DE GRAMA

Keum Suk Gendry-Kim¹⁶ é uma artista sul-coreana conhecida mundialmente por suas obras de narrativa gráfica que tratam de assuntos sobre a história e memória de seu povo e território. Nascida em 1971, na província de Jeolla, na cidade de Goheung, no interior da Coreia do Sul. Ela possui formação em Artes pela Universidade de Sejong, em Seul, e concluiu a sua formação artística na *École Supérieure des Arts Décoratifs* de Estrasburgo. Viveu dezessete anos em França, onde começou a desenhar e a publicar as suas próprias novelas gráficas. A partir de sua experiência como tradutora de histórias em quadrinhos do coreano para o francês, a artista passou a ter contato com essa maneira de fazer arte e iniciou seus trabalhos próprios como quadrinista; em *Gramma* (2020), ela tratou da história das "mulheres de conforto", mulheres coreanas que foram forçadas à escravidão sexual pelo exército japonês durante a Segunda Guerra Mundial, a autora diz que escolheu retratar essa narrativa como uma forma de dar voz a essas mulheres e destacar a brutalidade que sofreram.



Figura 61: Foto de Keum Suk Gendry-Kim, à esquerda. Fonte: Google Imagens

Representação da artista, em *Gramma*, à direita. Fonte: *Gramma* (2020) p. 434

Além de *Gramma* (2020), a autora também publicou outros trabalhos notáveis, como “*A Espera*” (2021), “*The Song of My Father*” (não publicado no Brasil), “*Jun*” (2022) e o mais recente, que será publicado em dezembro de 2024 no Brasil, “*Meu amigo*”

¹⁶ Informações biográficas da autora foram retiradas dos seguintes sites:
Editora Pipoca e Nanquim: <https://pipocaenanquim.com.br/autores/keum-suk-gendry-kim.html>
The Korean Society: <https://www.koreasociety.org/arts-culture/item/1523-author-talks-keum-suk-gendry-kim>

Kim Jong-um” (2024) que continuam a explorar temas de perda, memória, as consequências de conflitos e a história da Coreia por meio dos quadrinhos.

Em *Gramma* (2020), Keum Suk aparece por toda obra sendo a narradora que conduz o relato por meio de perguntas e nos conta como foi sua trajetória até chegar em Ok-sun Lee, ela é personagem e autora, de uma história que apesar de tratar sobre os horrores que a menina, a mulher e a senhora sofreram, é sobre mulheres. O centro de *Gramma* (2020) é todo sobre mulheres, desde a mãe de Ok-sun, as suas amigas na casa de conforto, até a autora que faz parte da obra como personagem e é a responsável por dar vida, em forma de quadrinho, para a história da vovó Ok-sun Lee.

A Professora Doutra Zilá Bernd, em um texto intitulado “*Negro, de personagem a autor*”, citando sobre a importância da obra *O Guarani* (1857), de José de Alencar, na literatura brasileira, ressalta a notoriedade do autor assume a enunciação de seu próprio discurso dentro de uma obra, não somente como autor, mas como personagem. Vemos o mesmo acontecer quando se trata da obra que estamos analisando, em *Gramma* (2020), quando Keum Suk Gendry-Kim assume um papel de não somente autora, mas como também personagem da história, trazendo o assunto das “mulheres de conforto” não mais como uma temática, mas, como parte de sua história, de certa forma, um processo de “tomada de consciência” (BERND, 1988). Nas páginas seguintes do mesmo texto, Bernd cita que a proposta do autor dentro da obra não é o mero acaso, ela diz:

“A proposta [...] não se limita a reivindicação de um mero reconhecimento, mas amplifica-se, correspondendo a um ato de reapropriação de um espaço existencial que seja próprio. [...] Na grande maioria dos casos, o eu individual funde-se no nós coletivo, evidenciando um empenho em delinear uma identidade comunitária que se constitui no alicerce constante de todas as formas de identidade.” (BERND, 1988, p. 18)

A influência de ter a autora como personagem na obra não deve ser deixada de lado, logo, que por ser mulher e coreana, carrega consigo o ato de se apropriar do espaço e a afirmação de sua identidade, como uma porta-voz de um grupo, que por muito tempo foi calado por homens de poder, assumir esse papel “*lhes reserva uma missão, [...] de anunciar novos tempos*”. (BERND, 1988).

A missão de encontrar Ok-sun Lee e depois a busca pelos vestígios deixados durante o testemunho de Ok-sun Lee é totalmente registrado nas páginas de *Gramma* (2020), temos a primeira aparição de Keum Seuk na página 44 do livro, início do

capítulo 2, onde já conseguimos entender, de pronto, que toda a história contada do prólogo, intitulado *A caminho da terra natal*, no qual nos apresenta uma senhora se despedindo de seus familiares para uma viagem de volta a sua terra natal, é a história da mesma criança que está narrando o seu sonho de ir a escola. Keum Suk cita, no capítulo 5, que na verdade, apesar da autora estar buscando coletar relatos sobre as “mulheres de conforto”, é Ok-sun Lee quem a encontra:



Figura 62: Como conheci a vovó -Fonte: Grama (GENDRY-KIM, 2020 p. 139)



Figura 63: Ok-sun Lee na Casa de Partilha -Fonte: Grama (GENDRY-KIM, 2020 p. 140)



Figura 64: Ok-sun Lee vai até Keum Suk Gendry-Kim – Fonte: Grama (GENDRY-KIM, 2020 p. 146)

Keum Suk narra os acontecimentos de sua vida que estão entrelaçados a vida de Ok-sun Lee e à história da sociedade, fatos e memórias se entrelaçam, pois, uma memória depende da outra para ter consistência:

Memória autobiográfica e memória histórica. A primeira se apoiaria na segunda, pois toda história de nossa vida faz parte da história em geral. Mas a segunda seria, naturalmente, bem mais ampla do que a primeira. Por outra parte, ela não nos representaria o passado senão sob uma forma resumida e esquemática, enquanto a memória de nossa vida nos apresentaria um quadro bem mais contínuo e mais denso. (HALBWACHS, 1968, p. 37)

Assim sendo, levamos em consideração que a inserção de Keum Suk dentro da história, inserindo seus questionamentos e levantamentos sobre toda a história que posteriormente se tornou a *graphic novel Grama (2020)*, é de grande lucro, não pelo viés da glamurização do autor, mas pelo viés coletivo que estamos levantando desde o capítulo dois, já que, como falamos, o Estado, o homem em seu poder possui o poder de controlar aquilo que deve ser lembrado. Le Goff (2003), aborda isso ao escrever:

Tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores destes mecanismos de manipulação da memória coletiva (LE GOFF, 2003, p.422).

Portanto, acreditamos que a imagem da autora dentro da obra, relacionando aos estudos contemporâneos relacionados à memória coletiva, que avançam a medida em que se procura falar com os criadores da memória, sejam eles indivíduos, comunidades, sobreviventes, traz a repercussão que fatos históricos possuem para uma possível transformação, e no caso das “mulheres de conforto”, uma reparação.

3.2. A MENINA QUE NUNCA FOI PARA A ESCOLA

Desde o princípio da história, logo após o prólogo, é dado ao leitor o maior sonho da protagonista. Ir para a escola. Em 1934, Ok-sun Lee, ainda criança, que nasceu em território coreano colonizado pelos japoneses nos relata sua vivência com a pobreza, a fome e o machismo. Cobia a ela as tarefas domésticas e os cuidados com os irmãos mais novos para ajudar a sua mãe. O pensamento dela ir a escola era considerado um absurdo.



Figura 65: Meninas não vão à escola – Fonte: Grama (GENDRY-KIM. 2020. p. 31)

A combinação de diferentes formas de opressão e exploração em uma sociedade levam a (re)produção de desigualdade, sejam elas por questões de raça-etnia, gênero, sexualidade e econômicas; Ok-sun Lee passou a viver essa “dupla violência” de gênero e raça-etnia (BELL HOOKS, 2015) desde a infância, vivendo em um regime totalitário, onde o fato dela ser mulher, pobre e coreana, contavam muito a favor da não realização de seus sonhos e a propensão desse ciclo de violência.

Para nos aprofundarmos nos traumas relatados durante a infância da protagonista, neste subtópico do trabalho, iremos analisar os cinco primeiros capítulos da obra, intitulados: *A garota que queria ir para a escola* (capítulo 1), *Caqui e balinha* (capítulo 2), *Filha adotiva* (capítulo 3), *Restaurante de udon em Busan* (capítulo 4), e *Bar de Ulsan* (capítulo 5). Nesses cinco primeiros capítulos vamos analisar a relação de Ok-sun Lee com sua família e com a fome.

No capítulo 1, a garotinha verbaliza por diversas vezes para seus pais o desejo de ir à escola, é interessante nos atentarmos a esse desejo, pois, com base nele muitos

acontecimentos marcam a vida da personagem. Neste capítulo observamos os traços de uma perpetuação de conceitos de uma sociedade neoconfucionista, que propaga a obediência e o respeito a família, vivendo numa hierarquia com base no gênero e na idade, onde os mais velhos e homens detém o máximo de respeito e as mulheres ocupam uma posição inferior, com cuidados a família e ao lar, apenas. (SASAKI, 2011). Neste trabalho não nos aprofundaremos nas questões e valores neoconfucionistas na sociedade coreana, porém, este momento é interessante salientar esses aspectos que interferiram diretamente na criação da Ok-sun Lee.

Contudo, no primeiro capítulo é possível nos atentar ao que foi proposto, que é a vegetação ao longo de toda graphic novel, desde o título até o encerramento da obra, esses elementos gráficos representando a vegetação é muito forte, Keum Suk opta, por muitas vezes, deixar com que a paisagem narre os pensamentos e sentimentos da protagonista da história; tais elementos vão se desenvolvendo junto com a personagem ao longo da história:

“As imagens sem palavras, embora aparentemente representem uma forma mais primitiva de narrativa gráfica, na verdade exigem certo refinamento por parte do leitor (ou espectador). A experiência comum e um histórico de observação são necessários para interpretar os sentimentos mais profundos...” (EISNER, 1999, p. 35)

Portanto, ao analisarmos a leitura, é importante se atentar as representações sem palavras, como acontece no capítulo 2, quando podemos presenciar o encontro da protagonista com a autora vemos que a representação gráfica dos períodos possui características bem distintas.



Figura 66: Representação de uma árvore durante a infância. – Fonte: Grama (GENDRY-KIM, 2020, p. 31)



Figura 67: Representação de um animal na visão da criança. – Fonte: Grama (GENDRY-KIM, 2020, p. 36)



Figura 68: Vegetação na 'Casa da Partilha', Ok-sun Lee idosa -Fonte: Grama (GENDRY-KIM, 2020, p. 43).

Enquanto é possível observar que quando relata sua infância, seu olhar de criança é transpassado ao leitor por meio da imagem gráfica, observamos uma vegetação mais simples, os desenhos não possuem complexidade, a árvore é feita como se uma criança a tivesse desenhado e os animais possuem rostos animados. Eisner, em sua obra, *Narrativas Gráficas* (2005), explica que “uma imagem é a memória de um objeto ou experiência gravada” por meio do mecanismo manual, como é o caso dos quadrinhos, e que imagens utilizadas como linguagens narrativas utilizam do estereótipo como parte dessa narrativa gráfica, podemos dizer que a imagem exerce um papel importante no

processo de recordação, que envolve ausências e presenças (ASSMANN, 2011, p. 166) ou lembranças e esquecimentos que se alternam, portanto, é compreensível entender que uma criança não vá se atentar a vegetação em volta de sua casa ou pelo caminho que faz enquanto andar por aí, mas o recurso utilizado por Keum Suk se comunica com uma questão emocional, visando que enquanto idosa e adulta essa mesma estratégia é utilizada e é notável a diferença nos detalhes da vegetação representada.

Ainda durante o capítulo 2, é interessante observar uma estratégia da narrativa de Gendry-Kim na hora de contextualizar seu leitor acerca do momento histórico em que a nossa personagem está envolvida. Ela utiliza desse recurso durante toda a obra na hora de fazer pausas para explicar fatos relevantes do momento. A quadrinista utiliza da composição do quadrinho para gerar uma emoção/sentimento no leitor, no caso, ao analisarmos a página, é possível notar que ao falar sobre fatos, realidades históricas, a autora nos livra de páginas subjetivas e abstratas, ela procura enquadrar os quadrinhos de maneira simétrica e organizada, sem espaço para que a atenção do leitor foque nos fatos narrados nas páginas.

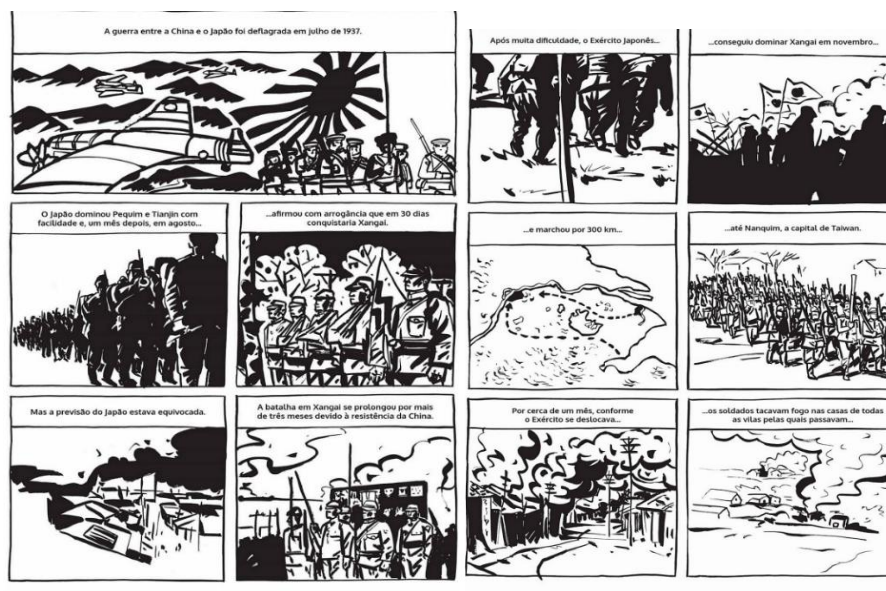


Figura 69: Contexto Histórico -Fonte: Grama (GENDRY-KIM, 2020, p. 56 e 57)



Figura 70: Contexto Histórico – Fonte: Grama (GENDRY-KIM, 2020, p. 58 e 59.)

Essa composição de um quadrinho nos causa uma perspectiva da obra e sobre o que ela está nos dizendo naquele momento, Eisner (1999), nos diz que isso se chama “Função da Perspectiva”, nos diz:

“A função primordial da perspectiva deve ser a de manipular a orientação do leitor para um propósito que esteja de acordo com plano narrativo do autor. [...] o formato do quadrinho e o uso da perspectiva dentro dele podem ser manipulados para produzir vários estados emocionais no espectador.” (EISNER, 1999 p. 89)

Dessa forma, a sensação de harmonia entre os fatos históricos narrados pela autora e a construção da trama evidencia sua intenção deliberada de entrelaçar os eventos verídicos com o relato que ela escolheu desenvolver. Esse cuidado demonstra sua habilidade em fundir história e o testemunho de Ok-sun Lee de maneira coesa, proporcionando ao leitor uma experiência enriquecedora e reflexiva.

No decorrer dos capítulos 4 e 5, é passado ao leitor a protagonista sendo “dada” para a doção com a esperança de que dessa maneira era não passaria fome e iria realizar seu sonho de ir à escola, nesses momentos, Gendry-Kim deixa a paisagem nos dar o cenário de como os sentimentos de Ok-sun Lee transpareceu, o sentimento de saudades da família e o arrependimento de ter “aceitado” a adoção.

A representação de uma catástrofe é, por sua própria natureza, complexa e desafiadora de interpretar, dificultando a chegada a conclusões definitivas. Conceber uma obra gráfica como *Gramma* (2020) é comparável ao meticuloso processo de tecer uma colcha de silêncios, onde o que não é dito ressoa tão profundamente quanto o que é explicitado. A narrativa visual entrelaça memória e trauma de maneira simbólica, permitindo que as lacunas e os não-ditos revelem verdades difíceis de serem verbalizadas diretamente. Seligmann-Silva escreve que:

“[...] na medida em que tratamos da literatura de testemunho escrita a partir de Auschwitz, a questão do trauma assume uma dimensão e uma intensidade inauditas. Ao pensar nessa literatura, redimensionamos a relação entre a linguagem e o real: não podemos mais aceitar o vale-tudo dito pós-moderno que acreditou ter resolvido essa complexa questão ao firmar simplesmente que tudo é ‘literatura/ficção’. Ao pensarmos Auschwitz, fica claro que mais do que nunca a questão não está na existência ou não da ‘realidade’, mas da nossa capacidade de percebê-la e simbolizá-la.” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 49-50)

Keum Suk Gendry-kim demonstra sua percepção a este respeito em *Gramma* (2020), e tenta simbolizar essa “realidade” através dos quadrinhos, aos poucos, por pedaços, emendando os relatos da vovó Ok-sun Lee, não deixando de demonstrar sua preocupação em como abordar os momentos traumáticos da vida da protagonista, *será que estou fazendo a vovó reviver seu passado doloroso sobre pretexto de querer transformar a vida dela em uma história em quadrinhos?* (GENDRY-KIM, 2020, p. 157), esse questionamento demonstra que a autora, ao recriar a trajetória de OK-sun Lee não tinha a intenção de apenas fazê-la repetir e seus traumas, mas sim, rememorar o passado.

3.3 A MENINA ROUBADA

A senhora não terminou de me contar a história de como foi parar no aeroporto leste de Yanji, lembra? (GENDRY-KIM, 2020, p. 161), com esta frase começamos a conhecer, o que podemos considerar o início de um dos maiores crimes de guerra já cometidos, Ok-sun Lee, com apenas quinze anos, começa a relatar seu rapto e como foi parar em uma casa de conforto. A partir do capítulo 6, *Gramma* (2020) aprofunda-se no retrato aterrorizante das experiências que milhares de mulheres do Leste Asiático suportaram, marcadas por traumas que carregaram ao longo de toda a vida. Em 1942, Ok-Sun Lee é sequestrada enquanto retornava ao bar onde trabalhava, e a obra descreve os eventos subsequentes que culminam na sua chegada a uma "casa de conforto" em Yanji, na China. A jornada começa quando a protagonista é colocada em um caminhão com

outras meninas, sendo todas levadas a uma estação de trem. Sob a vigilância constante de soldados, elas são transportadas até Tumen, onde são separadas e encaminhadas para diferentes destinos.

Durante a viagem, as garotas compartilham suas histórias, revelando diferentes circunstâncias que as levaram àquela situação: sequestros, quitação de dívidas familiares e promessas falsas de emprego. Ao chegarem a Yanji, Ok-Sun Lee e outras nove meninas são alojadas em uma casa próxima a um aeroporto, administrada por um casal japonês. Imediatamente, cada uma das garotas recebe um nome japonês, com Ok-Sun sendo renomeada como "Tomiko".

Quando lidamos com a opressão do Japão Imperial, é importante analisarmos a questão do nome, Todorov (2000) disse, com toda a razão, que os regimes totalitários do século XX suprimiram a memória, sistematizando esse propósito a controlavam e marginalizavam-na:

“Os vestígios do que existiu são suprimidos ou inventados e transformados; mentiras e fabricações tomam o lugar da realidade; a busca e a disseminação da verdade são proibidas; qualquer meio é bom para atingir esse objetivo.”¹⁷ (TODOROV, 2000, p. 12).

O dominador se colocar nesse lugar de senhor da memória e do esquecimento, no caso dos japoneses sobre os coreanos, todos eles eram forçados a mudarem seus nomes, essa atitude marginaliza, ainda mais, o povo colonizado, Ok-sun Lee, após 50 anos, precisa tirar seu visto coreano para retornar a sua terra, pois, ela é dada como morta no pós-guerra.



Figura 73: Declara falecida – Fonte: Grama (GENDRY-KIM, 2020, p. 18)

¹⁷ Tradução nossa.



Figura 74: Yoshiko – Fonte: Grama (GENDRY-KIM, 2020, p. 181)

Aqui, por conseguinte, talvez, encontramos a resposta do título da obra “Grama”. Durante o II Simpósio de Literatura Coreana da USP¹⁸, realizado em dezembro de 2023, a professora Yun Jun Im fala sobre a sua tradução da graphic novel para Portugal e destaca a respeito da escolha do título. A professora se recorda que em um momento, durante uma entrevista com a quadrinista Keum Suk Gendry-Kim ela repara que ao fundo a autora trazia vários desenhos, papéis e poemas ao fundo do vídeo¹⁹, dentre eles um que chamou a atenção da professora, era do poeta coreano Yun Dong-Ju²⁰ e um de seus poemas que possui relação com o nome da obra aqui analisada e o sentimento da imposição da utilização do nome japonês ao invés do coreano, o poeta diz:

Mas quando o inverno passar e a primavera chegar na minha estrela

Crescerá um mato farto e orgulhoso

Sobre a colina onde se enterram as letras do meu nome

Como cresce grama sobre túmulos.

¹⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zEzxtttG9NI>

¹⁹ O vídeo em questão é intitulado “**Concurso de Vídeo-Resenhas de Literatura Coreana 2022**”, no canal de YouTube “Ara Cultural”, realizado em 10 de outubro de 2022, quando o Prof. Dr. Luis Girão, a Profª Dr. Yun Jun Ym e a autora Keum Suk Gendry-Kim falam sobre o lançamento da HQ *Jun* no Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=S1k8tednPzw>

²⁰ O poeta coreano Yun Dong-ju (1917–1945) ficou conhecido por sua obra lírica e seus poemas de resistência durante a ocupação japonesa da Coreia, foi preso pela polícia japonesa em 1943. Morreu na prisão em Fukuoka, aos 27 anos, deixando mais de 100 poemas. Sua coletânea de poemas publicados foi traduzida para o português brasileiro pela Profª. Drª. Yun Jun Im em 2023. Fonte: <https://www.amazon.com.br/C%C3%A9u-vento-estrelas-poesia-Dong-ju/dp/6559056864>

Segundo interpretação da Prof^a. Yun, Yun Dong-Ju faz um enterro simbólico de seu nome coreano, quando passa a utilizar o seu nome japonês, e ao crescer a grama sobre esse túmulo Gendry-Kim utiliza de motivos literários que se repetem na história da literatura coreana. Grama é resistência, é o ciclo que sempre volta, resistindo ao mais frio inverno.

No capítulo 7 de *Gramma* (2020), intitulado “Virgindade”, Keum Suk nos apresenta sua genialidade gráfica, ao começar por nos mostrar uma das vezes que Ok-sun Lee foi a “vegetação pisoteada”:



Figura 75: Pisoteada – Fonte: *Gramma* (GENDRY-KIM, 2020, p.194)

Neste capítulo temos uma das passagens mais impressionantes de toda a obra, o retrato da primeira vez em que Ok-sun Lee é estuprada passa ao leitor um sentimento de medo, a escolha de trazer mais sobre ao longo do relato buscar trazer esse sentimento a quem está lendo. Eisner (1989) diz que “A ausência de luz é a escuridão... As sombras conformam-se à superfície da forma a qual incidem. O emprego de luz tem um efeito emocional. A sombra evoca medo – a luz sugere segurança.”, é notório que esse clima de tensão e medo que a protagonista sofre é passado ao leitor.



Figura 76: Sombra – Fonte: Grama (GENDRY-KIM, 2020, p. 201 e 202)

Nas páginas 201 e 202 da obra já constatamos a grande presença de sombra por toda a página, o quarto, os soldados e o fundo, em tudo é colocado o excesso de nanquim, representando o excesso do medo e a falta de segurança. Nesta representação é possível notar, que mesmo com a ausência de palavras, a virgindade de Ok-sun Lee pode ter sido roubada por meio de um estupro coletivo, ela diz, “Naquele dia, como sempre, estávamos mortas de cansaço no quarto, depois do trabalho [...] os soldados entraram de repente. E assim... Na frente das minhas amigas... Fui estuprada como se fosse um animal.” (GENDRY-KIN, 2020, p. 200-202).

Notamos como a quadrinista nesta representação traz o rosto da Ok-sun Lee, da idosa se transformando na menina de quinze anos novamente, lembrando do trauma, Eisner diz:

Nas histórias em quadrinhos, a postura do corpo e o gesto tem primazia sobre o texto, A maneira como são empregadas essas imagens modifica e define o significado que pretende dar as palavras [...] podem provocar uma nuance de emoção e dar inflexão audível à voz do falante. (EISNER, 1999, p. 111)

A expressão de tristeza, os olhos voltados para baixo, demonstram a vergonha que ela, a idosa, ainda sente, mesmo anos depois, o rosto “dá sentido à palavra escrita. Seus gestos são mais sutis do que os do corpo, porém mais prontamente compreendidos” (EISNER, 1989). Essa mesma estratégia de fixar a atenção é retomada nas páginas seguintes, onde de maneira não verbal sabemos o que aconteceu, com seu olhar voltado de frente para o leitor, Ok-sun Lee fala em seu silêncio.

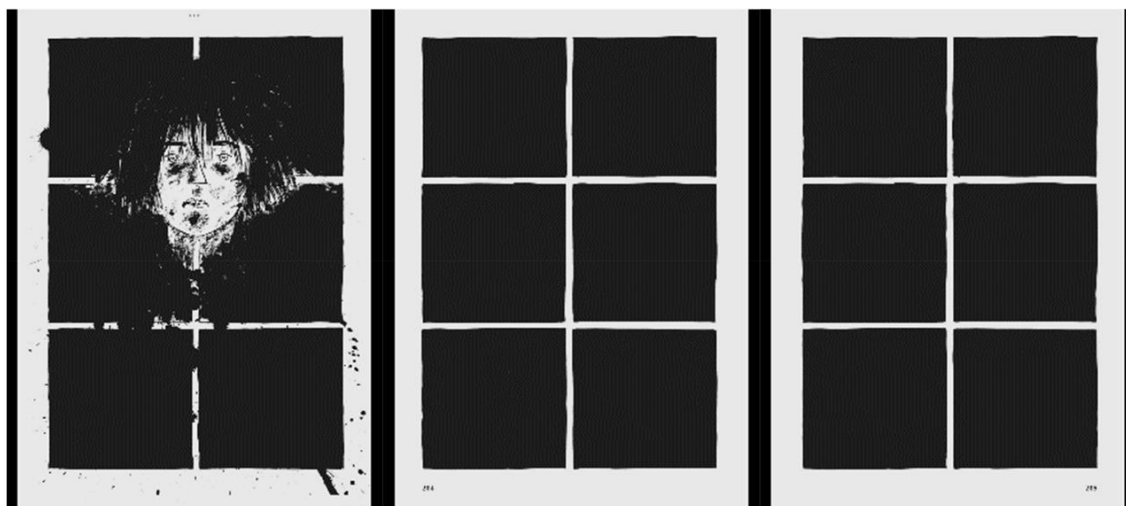


Figura 77: Olhando de frente- Fonte: Grama (GENDRY-KIM, 2020, p. 203 -205.

Nesses momentos, observamos, nos estudos de memória, que Gendry-Kim representou aquilo que Pollak chama de “não-dito”:

Essas lembranças proibidas, indizíveis ou vergonhosas são zelosamente guardadas em estruturas de comunicação informais e passam despercebidas pela sociedade englobante. Por conseguinte, existem nas lembranças de uns e de outros zonas de sombra, silêncios, “não-ditos”. As fronteiras desses silêncios e “não-ditos” com o esquecimento definitivo e o reprimido inconsciente não são evidentemente estanques e estão em perpétuo deslocamento. Essa tipologia de discursos, de silêncios, e também de alusões e metáforas, é moldada pela angústia de não encontrar uma escuta, de ser punido por aquilo que se diz, ou, ao menos, de se expor a mal-entendidos. (POLLACK, 1989, p. 8)

O silêncio e a solidão permearam suas lembranças, mas, ciente da relevância de seu testemunho, ela sentiu a responsabilidade de narrar e dar voz àqueles que não tiveram a oportunidade ou a força de fazê-lo. O relato, proveniente de uma idosa, remete também aos estudos de Ecléa Bosi sobre a memória dos mais velhos. Bosi afirma que a memória dos idosos não se restringe ao simples ato de recordar, mas desempenha um papel vital na preservação da história e na transmissão de vivências que, de outra forma, seriam perdidas no tempo.

“Quando a narrativa é hesitante, cheia de silêncios, ele não deve ter pressa de fazer interpretação ideológica do que escutou, ou de preencher as pausas. (...) Nos idosos, as hesitações, as rupturas do discurso não são vazios, podem ser trabalhos de memória. Há situações difíceis de serem contadas. (...) A fala emotiva e fragmentada é portadora de significações que nos aproximam da verdade.” (BOSI, 2004, p.34)

Esse ciclo de silêncio e marginalização das “mulheres de conforto” perdura por muito tempo, Ok-sun Lee continua com o seu relato pelos próximos capítulos explicando os sentimentos conflitantes de uma mulher que nunca foi ensinada sobre como seu corpo

funcionava, no capítulo 8, a primeira vez que a protagonista tem contato com a menstruação, sua reação inicial é de repulsa, pois ela acreditava que o sangramento era uma punição por ter sido forçada a manter relações com diversos homens. (GENDRY-KIM, 2020, p. 219 e 220). Além dos abusos perpetrados pelos militares japoneses, ela também relata que sofria violências por parte dos trabalhadores que eram escravizados. Um desses homens, citado no capítulo 9, o líder dos trabalhadores, a enganou com comida para depois violentá-la sexualmente. E mesmo passando por esse trauma, a forma aparentemente carinhosa, sendo ela uma pessoa que nunca recebeu carinho, a maneira com que ele a tratava fez com que a protagonista desenvolvesse certa afeição por ele, resultando em encontros clandestinos, uma vez que somente os militares tinham autorização para frequentar as casas de conforto. (GENDRY-KIM, 2020, p. 229 – 238).

Nos capítulos seguintes, 10 e 11, um tema muito importante é abordado, tema esse que é levado com muita importância para Ok-sun até o fim da vida: a maternidade. Keum Suk Gendry-Kim começa essa temática com a história de Yuna, uma amiga da protagonista, sabemos um pouco da história de Yuna, como se tornou uma “mulher de conforto”, sua origem humilde e sua chegada a Manchúria, que ao contrário da vovó Lee, não foi raptada, mas sim enganada com uma falsa proposta de emprego (GENDRY-KIM, 2020, p. 288 e 289). A situação de Yuna se agrava quando descobre que está grávida. O pai da criança, em uma demonstração de abandono, entrega-lhe cerca de 10.000 won antes de desaparecer. Na casa de conforto, Yuna é forçada a continuar atendendo os soldados até o oitavo mês de gestação. Ao dar à luz, o bebê é imediatamente entregue a um casal japonês que não tinha filhos, sem que ela tivesse qualquer poder de decisão sobre o destino da criança. (GENDRY-KIM, 2020, p. 294 – 297). Outro momento em que a maternidade é um assunto é no capítulo nove onde, depois de contrair uma Infecção Sexualmente Transmissível (IST), Ok-sun é submetida a alguns tratamentos médicos que não ajudam na doença e por fim, ela é obrigada a ficar exposta ao vapor do mercúrio, o que erradica a doença, mas leva embora a sua fertilidade (GENDRY-KIM, 2020, p. 265). É interessante notar que em ambos os momentos da temática de maternidade a representação gráfica da vegetação, no primeiro caso, da infertilidade da Ok-sun Lee, temos a ausência total de vegetação, como se nada florescesse com aquilo que aconteceu.

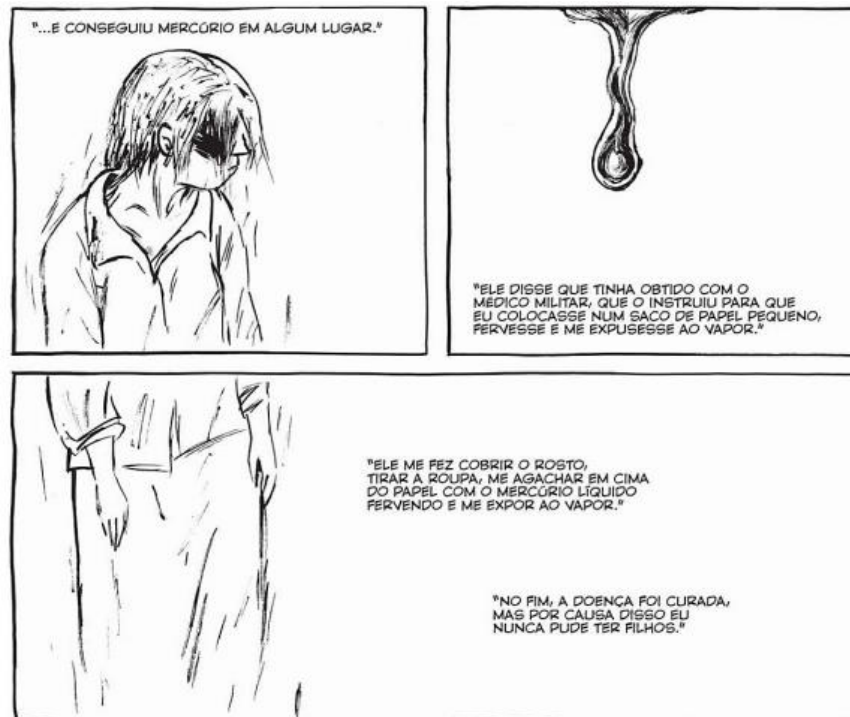


Figura 78: Infertilidade -Fonte: Grama (GENDRY-KIM, 2020, p. 265)

Já no relato quem a protagonista faz sobre a mana Yuna, é possível notar que na imagem onde ela aparecesse grávida há uma vegetação florescendo, uma árvore ganhando vida, enchendo de folhas, representando aquele momento que Yuna estava vivendo. Na página seguinte, vemos uma tempestade na vida de Yuna, levando todas as folhas embora, e mais uma vez a presença da sombra, apresentando o medo. Podemos observar nas seguintes imagens:



Figura 79: Gravidez Yuna -Fonte: Grama (GENDRY-KIM, 2020, p.293 e 294)

Dessa forma, analisamos dentro de seis capítulos como a guerra roubou de Ok-sun Lee o seu sonho de ir à escola, sua virgindade, sua fertilidade e seu nome. É nesse ponto que entendemos a luta e nos compadecemos da luta dessas senhoras por uma reparação, o que foi roubado delas o dinheiro não compra.

3.4 A MULHER ABANDONADA

Nessa etapa do trabalho iremos analisar os relatos da nossa protagonista no fim da guerra, o que ocorre com ela e suas companheiras, nos capítulos 12, 13 e 14 a vovó Lee nos conta o fardo de viver longe de casa e deu seu país de origem, nas ruas, vivendo estigmatizada por ter sido uma “mulher de conforto” e como viveu a sua vida até o seu retorno a Coreia.

O final da Segunda Guerra Mundial, abordado no capítulo 12, a quadrinista Keum Suk Gendry-Kim explora os devastadores efeitos das bombas atômicas, retratando as cidades de Hiroshima e Nagasaki em 1945. E nos apresentando dados interessantes sobre o contexto histórico, utilizando o mesmo estilo que havia apresentado no início da obra quando apresenta contexto históricos, e além dessa contextualização, ela apresenta um dado sobre os coreanos que sofreram com a queda das bombas atômicas:



Figura 80: Coreanos vítimas da bomba atômica - Fonte: Grama (GENDRY-KIM, 2020, p. 345)

A consequência desse evento foi a libertação da Coreia em 15 de agosto de 1945 do domínio do Império japonês em seu território, no entanto, para as “mulheres de conforto”, o término da guerra não trouxe dias melhores. A protagonista relata que algumas das mulheres foram simplesmente descartadas (GENDRY-KIM, 2020, p. 354 e 355), enquanto outras foram transferidas para diferentes locais. Ok-sun Lee e outras mulheres que viviam na mesma casa de conforto que elas só souberam do fim da guerra quando os donos da casa de conforto foram mortos pelos chineses.

Embora a liberdade tenha chegado, ela veio acompanhada de uma realidade sombria, marcada pela falta de moradia, alimento e emprego. Além disso, essas mulheres enfrentaram o desprezo da sociedade, que as via como traidoras por terem sido forçadas a servir sexualmente os japoneses. E passaram a viver o mesmo horror e violência fora das casas de conforto:

“Depois dos soldados japoneses. Chegaram os militares soviéticos. Pegavam qualquer mulher que estivesse à mercê e se satisfaziam... vi muitas sendo estupradas, mortas a tiros ou queimadas por eles.” (GENDRY-KIM, 2020, p. 365)

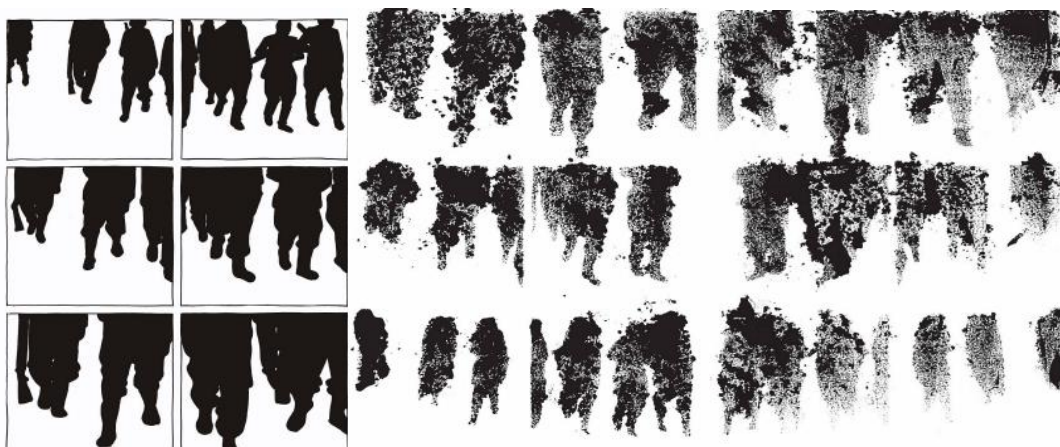


Figura 81: Soldados soviéticos - Fonte: Grama (GENDRY-KIM, 2020, p.369, 367 e 368).

Sobre homens e corpos e como eles se comportam com as mulheres, bell hooks explica que, “no patriarcado, a norma cultural da identidade do homem consiste em poder, prestígio, privilégio e prerrogativa acima e contra a classe das mulheres. Isso é masculinidade. Não é qualquer outra coisa” (hooks, 2020, p. 164). Portanto, não nos surpreende o fato das mulheres abandonadas sofrerem, mais uma vez, os horrores da guerra, mesmo após o fim dela.

Para muitas, ficarem nas ruas pedindo por comida se tornou a única opção de sobrevivência. Ok-Sun Lee conseguiu escapar dessa dura realidade ao se casar com o ex-

líder dos trabalhadores da guerra. Contudo, conforme a narrativa avança, é revelado que essa união foi breve, ela sofre outro abandono, quando seu marido se voluntaria, quatro dias depois de seu casamento, para lutar na guerra junto do exército coreano (GENDRY-KIM, 2020, p. 391), e, após o seu casamento, ela fica a espera do marido por 10 anos, cuidando e trabalhando em prol de seus sogros, até um dia descobrir que seu marido já tinha uma família formada com outra mulher (GENDRY-KIM, 2020, p. 399 – 401).

No capítulo 14, a protagonista aceita viver com um viúvo chinês, com quem permanece até sua velhice, homem esse que tinha dois filhos e garantiu uma moradia para Ok-sun Lee, porém, o relato mostra que ela sofreu muito no seu segundo casamento, com um marido de bebia muito e jogava (GENDRY-KIM, 2020, p. 414 – 417), mas ela se afeiçoou do filho mais novo de seu marido, uma criança deficiente, que demorou a falar e tinha dificuldade para escutar, e que viu nela uma mãe, e por causa de seu filho ela viveu 50 anos naquele casamento.

3.5 A VOVÓ EM BUSCA DE REPARAÇÃO

“Às vezes eu fico me perguntando por que eu voltei” (GENDRY-KIM, 2020, p. 439) é a reflexão feita por Ok-sun Lee e confessada a Keum Suk Gendry-Kim, após ela contar como foi o retorno para sua terra natal, ao sofrer e sentir o preconceito vindo de sua própria família (GENDRY-KIM, 2020, p.438).

Após o fim da Segunda Guerra Mundial, as mulheres de conforto na Coreia foram submetidas a uma marginalização severa pela sociedade, em grande parte devido à cultura patriarcal profundamente enraizada. Na visão tradicional, o maior problema não era a violência sexual em si, mas a "humilhação" da mulher por não defender sua virgindade, visto como um golpe ao orgulho masculino. Qualquer tentativa de denúncia era considerada uma ameaça à honra nacional, culpabilizando a vítima pelo estupro, logo, o foco estava mais associado à vergonha do que à justiça para as vítimas.

Além disso, o tratamento das mulheres de conforto foi agravado pelo revisionismo histórico conservador, tanto na Coreia quanto no Japão. O Japão, em particular, relutou em reconhecer os crimes cometidos contra essas mulheres, argumentando que, sem provas materiais, os abusos poderiam ter sido consentidos ou que a prostituição era legalizada. Esse revisionismo ignorou o sofrimento das mulheres e, por vezes, posicionou

o Japão como vítima, destacando as consequências das bombas atômicas sobre o país. Assim, as vozes das vítimas foram silenciadas, e sua dor, minimizada em prol de uma narrativa nacionalista.



Figura 82: A luta de Ok-sun Lee - Fonte: Grama (GENDRY-KIM, 2020, p. 472)

Na Coreia do Sul, o interesse por essa causa foi igualmente escasso. O país, focado em sua reconstrução após a guerra, não priorizou as demandas das mulheres de conforto. Mesmo décadas após o fim do conflito, muitas dessas mulheres ainda aguardam um pedido oficial de desculpas e uma reparação moral por parte dos governos envolvidos. A negligência institucional e social reforçou a percepção de que suas experiências não eram dignas de reconhecimento, perpetuando o trauma de quem já havia sido brutalmente vitimizada. (GENDRY-KIM, 2020, p. 472 – 474).

Ok-sun Lee, assim como a resiliência da grama que renasce a cada inverno, lutou incansavelmente por sua reparação moral e pela de suas companheiras. Apesar de enfrentar o silêncio e a indiferença por parte das autoridades e da sociedade, ela persistiu na busca por justiça, exigindo o reconhecimento das atrocidades que sofreram. Sua trajetória de luta simboliza a resistência e a força diante de um passado marcado por abusos, mantendo viva a memória das "mulheres de conforto" e reivindicando, não apenas para si, mas para todas, a dignidade que lhes foi negada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise de *Grana* (2020), obra de Keum Suk Gendry-Kim, revela a importância crescente das graphic novels como um meio potente de narrar e refletir sobre histórias complexas e muitas vezes marginalizadas. A narrativa gráfica, que surgiu como uma forma de arte e literatura independente, encontrou em *Grana* um exemplo notável de como a combinação de elementos textuais e gráficos pode oferecer uma visão profunda e multifacetada de temas sociais e históricos. A trajetória de Ok-sun Lee, como retratada na graphic novel, oferece um relato visceral e intimista da experiência das “mulheres de conforto”, evidenciando o impacto significativo da narrativa visual na recuperação e interpretação de memórias históricas.

Durante o primeiro capítulo, observamos que no século XIX, com o contexto histórico da Revolução Industrial e o avanço do capitalismo na Europa, a Coreia enfrentou o período colonial, iniciado em 1910, com a dominação japonesa impondo severas restrições à identidade cultural coreana e promovendo uma assimilação forçada da cultura japonesa, o que incluiu a exploração intensa dos recursos naturais e humanos da península.

Durante 35 anos de colonialismo japonês, a Coreia sofreu uma supressão brutal de sua identidade cultural e a imposição de políticas repressivas, como a substituição da moeda nacional, a imposição do idioma japonês e a mudança forçada dos nomes coreanos para nomes japoneses. O imperialismo japonês, além de explorar os recursos da colônia, cometeu abusos atrozes, incluindo o recrutamento forçado de mulheres como escravas sexuais, conhecidas como "mulheres de conforto".

Após a retirada das forças japonesas no final da Segunda Guerra Mundial, a Coreia passou a enfrentar diversas batalhas contra o seu próprio povo, naquilo que chamamos de Guerra da Coreia, criando tensões e uma separação que dura até os dias de hoje.

Agora em um novo cenário a Coreia do Sul enfrentou uma crise econômica e política através de um golpe militar, instaurando um regime autoritário. Durante sua administração, houve progresso econômico e industrial, mas com severas restrições à liberdade de expressão e controle da mídia. A ditadura militar durou até 1987, quando uma série de protestos forçou a renúncia do presidente. A transição para a democracia foi acompanhada por desafios econômicos significativos, que foram gradualmente superados com reformas e o apoio internacional.

Somente com reformas estruturais e intervenção governamental, a Coreia do Sul conseguiu superar a crise e consolidar sua democracia, o país investiu fortemente na cultura e na indústria, dando início ao fenômeno global da *Hallyu*, que promoveu a cultura coreana e elevou o orgulho e a identidade nacional.

Nesse contexto, a propagação a literatura coreana foi fortemente impulsionada e *Gramma* (2020) chegou até nós. A análise da obra e o contexto histórico e cultural da Coreia ilustram a importância da memória coletiva e a relevância das representações gráficas na recuperação e interpretação de narrativas históricas complexas. A obra de Keum Suk Gendry-Kim destaca como a narrativa visual pode ser um veículo eficaz para a preservação e reavaliação de histórias marginalizadas, enfatizando a importância de reconhecer e compreender as experiências individuais dentro de contextos históricos amplos.

Gramma (2020) oferece uma profunda lição de história, especialmente para as mulheres, ao demonstrar o poder da sororidade e do companheirismo e como a união de nossas vozes pode ecoar amplamente. Através da colaboração de Keum Suk Gendry-Kim e Ok-sun Lee, a obra revela uma narrativa de força e resistência que ressoa com intensidade. No entanto, ao refletirmos sobre o desfecho da história, surge uma pergunta inquietante: por que Keum Suk Gendry-Kim não se lançou em um abraço reconfortante em Ok-sun Lee durante seu último encontro? (GENDRY-KIM, 2020, p. 444). Este questionamento nos leva a considerar a complexidade das emoções e dos vínculos formados ao longo da jornada, ressaltando a profundidade e o impacto duradouro da narrativa apresentada.

REFERÊNCIAS

ARASE, David; AKAHA, Tsuneo. **The US - Japan Alliance: Balancing soft power and hard power in East Asia**. New York: Nissan Institute/Routledge Japanese Studies Series, 2010.

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas**. Vol.1. Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BERND, Zilá. **Negro, de personagem a autor**. Cadernos do IL. UFRGS. Nº4, 1990, p. 25 – 28.

_____. **A persistência da memória em textos literários. Romances da anterioridade e seus modos de transmissão intergeracional**. Porto Alegre: Edições BesouroBox Ltda, 2018

_____. **Por uma estética dos vestígios memoriais: releitura da literatura contemporânea das Américas a partir dos rastros**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013.

CHUNG, H. J. **The Comfort Women: Historical and Legal Issues and the Postwar Korean Japanese Relations**. London: Palgrave Macmillan, 2016.

CHANG, Pil-wha; KIM, Eun-Shil (Ed.). **Women's experiences and feminist practices in South Korea**. Ewha Womans University Press, 2005.

COSTA, Priscila. **PROTAGONISMO E EXISTÊNCIA LÉSBICA NOS QUADRINHOS ESTADUNIDENSES: UMA ANÁLISE DE DYKES TO WATCH OUT FOR, DE ALISON BECHDEL**. João Pessoa, 2020.

DE BARY, W. T., & Bloom, I. **Sources of Chinese Tradition, Vol. 1: From Earliest Times to 1600**. New York: Columbia University Press, 1999.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das letras, 2004.

EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial**. Trad.: Luís Carlos Borges. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **Narrativas Gráficas de Will Eisner** / escrito e ilustrado pelo autor; tradução Leandro Luigi Del Manto. - São Paulo: Devir, 2005.

HOOKS, B. “E eu não sou uma mulher?”: **Mulheres negras e feminismo**. Trad. Bhuvi Libanio. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

GENDRY-KIM, Keum Suk. **Gramma**. Tradução de Jae H. W. São Paulo: Pipoca & Nanquim, 2020.

HALBWACKS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro. 2006.

HWANG, Kyung Moon. **A History of Korea: An Episodic Narrative**. London: Palgrave Macmillan, 2010.

IM, Yun Jung. **As escritas coreana e japonesa: dois caminhos tradutórios**. *Revista de Estudos Orientais*, São Paulo, v. 5, p. 139-149, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2763-650X.i5p139-149>. Acesso: 17 de maio de 2024.

JIN, Dal Yong. **New Korean Wave: Transnational Cultural Power in the Age of Social Media**. Illinois: University of Illinois Press, 2016.

JOO, Jeongsuk. **Transnationalization of Korean popular culture and the rise of “pop nationalism” in Korea**. *The Journal of Popular Culture*, v. 44, n. 3, p. 489-504. 2011.

KALTON, Michael C. **To Become a Sage: The Ten Diagrams on Sage Learning by Yi T'oegye**. New York: Columbia University Press, 1988.

KIM, H., & Nam, C. **Hallyu Revisited: Challenges and Opportunities for the South Korean Tourism**. *Journal of Tourism and Cultural Change*, v. 14, n. 2, p. 104-123. 2016.

KIM, Youna. **The Korean Wave: Korean Media Go Global**. New York: Routledge, 2015.

KIM, Youngmin; PETTID, Michael J. (Ed.). **Women and Confucianism in Choson Korea: New Perspectives**. New York: SUNY Press, 2010.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

LEE, Jaekyoung. **The Asian Financial Crisis and the tribulations of the South Korean media.** *Gazette: The International Journal for Communication Studies*, Cidade, v. 64, n. 3, p. 281-297. 2002.

LEE, Ki-baik. **A New History of Korea.** Cambridge: Harvard University Press, 1984.

MAZUR, Daniela. **Um Mergulho na Onda Coreana, Nostalgia e Cultura pop na série de K-dramas "Reply"**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.

NYE, Joseph S. **Bound to Lead: The Changing Nature of American Power.** New York: Basic Books, 1990.

_____. **Soft Power: The Means to Success in World Politics.** Washington: PublicAffairs, 2004.

OH, I., & Park, G. S. **The Globalization of K-pop: Korea's Place in the Global Music Industry.** *Korea Observer*, v. 43, n. 3, p. 389-409. 2012.

PARK, Y. J. I. **A Literatura coreana no Brasil: Quadro atual e desafios.** *Revista Criação & Crítica*, São Paulo, v. 1, n. 24, p. 4-17, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1984-1124.v1i24p4-17>. Acesso em: 04 de setembro de 2024.

PETERSON, M. A., & Margulies, P. **The Confucian Legalist State: A New Theory of Chinese History.** Princeton: Princeton University Press, 2009.

ROSA, Susel Oliveira da. **Mulheres, ditaduras e memórias: “Não imagine que precise ser triste para ser militante”.** São Paulo: Intermeios; Fapesp, 2013.

SCHMIDT, A. **Korea Between Empires: 1895-1919.** New York: Columbia University Press, 2002.

SCOTT, Joan. **História das Mulheres.** *In: BURKE, Peter (Org.). A Escrita da História: novas perspectivas.* São Paulo: Editora UNESP, 1992. P.77-78.

SOH, C. Sarah. **The Korean ‘Comfort Women’: Movement for Redress.** *Asian Survey* 36 (12): 2009, p. 1226–40. <http://www.jstor.org/stable/2645577>

_____. **The Comfort Women: Sexual Violence and Postcolonial Memory in Korea and Japan.** Chicago: University of Chicago Press, 2008.

POLLAK, M. **Memória, Esquecimentos e Silêncio**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro: CPDOC/ FGV/ Edições Vértice, vol. 3, 1989.

OKAMOTO, Julia Yuri. "**As Mulheres de Conforto na Guerra do Pacífico**." *Revista de Iniciação Científica de Relações Internacionais* 1.1 (2013): 91-108.

SASAKI, Elisa. **Valores culturais e sociais nipônicos**. In: Encontro Sobre Língua, Literatura e Cultura Japonesa, 4., 2011, Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Associação dos Professores de Língua Japonesa do Rio de Janeiro, 2011.

SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.) **História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes**. Campinas: Unicamp, 2003.

_____. **Literatura e Trauma**. Pro-Posições, Campinas, SP, v. 13, n. 3, p. 135–153, 2016.

TODOROV. Tzvetan. **Los abusos de la memoria**. Traducción de Miguel Salazar. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 2000.

VIANA, Geovanna Rodrigues. **O CASO DAS “MULHERES DE CONFORTO” E A RECONSTRUÇÃO DO JAPÃO PÓS SEGUNDA GUERRA COMA UTILIZAÇÃO DE SOFT POWER**. Brasília, 2022.

YAMASHITA, Yeong-ae. “**Nationalism and gender in the comfort women issue**”. *Kyotto Bulletin of Islamic Area Studies*, v. 03, n. 01, jul 2009, pp. 208-219.

YANG, Jonghoe. **Globalization, nationalism, and regionalization: the case of Korean popular culture**. *Development and Society*, v. 36, n. 2, p. 177-199. 2007.

YOSHIMI, Y. **Comfort Women: Sexual Slavery in the Japanese Military During World War II**. New York: Columbia University Press, 2000.

김수진. (2013). 트라우마의 재현과 구술사: 군위안부 증언의 아포리아. *여성학논집*, 30(1), 35-72.

박건 (2007). 집합기억의 사회적 구성에 관한 연구 - 국채보상운동과 금모으기운동을 중심으로. *문화와 사회*, 2(1), 117- 164.

양현아. (2006). 증언을 통해 본 한국인 ‘군위안부’들의 포스트식민의 상흔(Trauma). 한국여성학, 22(3), 133-167.

Sites da Internet

Centro Cultural Coreano no Brasil. ([s.d.]). Centro Cultural Coreano no Brasil. 07 de julho de 2023. Acesso em: <https://brazil.korean-culture.org/pt/168/korea/62>

MINISTRY OF CULTURE, SPORTS AND TOURISM (15, Hyojaro, Jongno-gu, Seoul, Republic of Korea). Korean Culture and Information Service (org.). Guide to Korean Culture. Korean Government Publication Number 11-1371030-000016-10. Seoul, 2008. Acesso em: <https://www.dw.com/en/former-comfort-woman-tells-uncomforting-story/a-17060384>